

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS

Unicuique suum Non praevalent

Ano LI, número 40 (2.665)

Cidade do Vaticano

terça-feira 6 de outubro de 2020

Diante do túmulo de São Francisco de Assis Papa assinou a encíclica «Fratelli tutti»

Uma mensagem de fraternidade universal

Somos todos irmãos?

A urgência de parar e refletir

Andrea Monda

A encíclica *Fratelli tutti* chega como gota de água que cai numa terra deserta, como raio de luz que atravessa “as sombras de um mundo fechado”. Este é o título do primeiro capítulo da nova, terceira, encíclica do Papa Francisco, dedicada à fraternidade e à amizade social, que o Papa ontem quis oferecer aos fiéis reunidos na praça de São Pedro na “forma” da edição especial de “L’Osservatore Romano” que voltou a ser impresso em papel mas com um novo formato. Mas vamos prosseguir passo a passo.

Em primeiro lugar, o facto de ter deixado o Vaticano, a primeira vez desde o lockdown provocado pela pandemia, e de ter ido a Assis para assinar a Carta diante do túmulo de São Francisco, que mais uma vez, após a *Laudato si'*, há cinco anos, é fonte de inspiração para o seu pontificado, tem uma força simbólica tão óbvia que não precisa de outras explicações.

Fratelli tutti é um texto poderoso, que soa como um grito num momento de alarme e esperança, e oferece aos leitores uma visão, um horizonte grande, que transmite confiança e desperta o desejo de se comprometer com o bem comum, com os outros, que são todos, ninguém excluído, nossos irmãos.

A encíclica está dividida em oito capítulos que, após o primeiro que analisa, de forma lúcida e sem descontos, a situação em que o mundo se encontra hoje, um mundo que parece estar a caminhar para o fechamento porque “a sociedade cada vez mais globalizada nos torna próximos, mas não irmãos” (a citação é da *Caritas in veritate* de Bento XVI, um dos textos mais citados pela encíclica), desenvolve-se num sentido positivo e pró-ativo a fim de “pensar e gerar um mundo aberto” (cap. 3) e lançar as bases para “a melhor política” (cap. 5) e criar as condições para “o diálogo e a amizade social” (cap. 6) e abrir “caminhos de um novo encontro” (cap. 7), a fim de chegar à conclusão que su-



O Papa foi a Assis para assinar a sua nova encíclica *Fratelli tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social. À pequena cidade da Úmbria, o Pontífice chegou de carro no início da tarde de sábado, 3 de outubro, véspera da festa litúrgica de São Fran-

cisco, após uma breve visita a Spello, na diocese de Foligno, onde se encontrou com a comunidade das Clarissas.

Diante do túmulo do Pobrezinho Francisco celebrou a Missa, no final da qual assinou a terceira carta encí-

clica do seu pontificado – após a *Lumen fidei*, de 29 de junho de 2013, e a *Laudato si'*, de 24 de maio de 2015 – cujo texto foi divulgado depois do meio-dia de domingo, 4 de outubro, no final do Angelus na praça de São Pedro.

NESTE NÚMERO

Pág. 2: Síntese da carta encíclica do Santo Padre Francisco “Fratelli tutti”; *pág. 3:* Palavras do Papa no final da missa em Assis; Fitar os outros como irmãos e irmãs para nos salvar a nós e ao mundo, por Andrea Tomielli; *pág. 4:* Audiência ao Círculo de São Pedro; Mensagem à CCEE; *pág. 5:* Audiência geral de quarta-feira; *pág. 6:* Como uma «biblioteca de Cristo», por Gianfranco Ravasi; *págs. 7-11:* Carta Apostólica do Santo Padre Francisco no XVI centenário da morte de São Jerónimo; *pág. 12:* Missa do Pontífice para o Corpo da Gendarmaria; *pág. 13:* Mensagem do Papa por ocasião do centenário da aprovação canónica da congregação de São Miguel Arcanjo; *pág. 14:* Discurso à Inspeção de segurança pública do Vaticano; *pág. 15:* Informações; Promulgação de decretos; Credenciais da embaixadora chefe da delegação da União Europeia; *pág. 16:* Angelus de domingo, 4 de outubro.

Síntese da carta encíclica do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social

“Fratelli tutti”

Fraternidade e amizade social são os caminhos indicados pelo Pontífice para construir um mundo melhor, mais justo e pacífico, com o compromisso de todos: pessoas e instituições. Reafirmado com vigor o não à guerra e à globalização da indiferença.

Quais são os grandes ideais mas também os caminhos concretos para aqueles que querem construir um mundo mais justo e fraterno nas suas relações quotidianas, na vida social, na política e nas instituições? Esta é a pergunta à qual pretende responder, principalmente, “Fratelli tutti”: o Papa define-a como uma «Encíclica Social» (6) que toma o seu título das «Admoestações» de São Francisco de Assis, que usava essas palavras «para se dirigir a todos os irmãos e irmãs e lhes propor uma forma de vida com sabor do Evangelho» (1). A Encíclica tem como objetivo promover uma aspiração mundial à fraternidade e à amizade social. No pano de fundo, há a pandemia da Covid-19 que – revela Francisco – «irrompeu de forma inesperada quando eu estava escrevendo esta carta». Mas a emergência sanitária global mostrou que «ninguém se salva sozinho» e que chegou realmente o momento de «soñar como uma única humanidade», na qual somos «todos irmãos». (7-8).

No primeiro de oito capítulos, intitulado «As sombras dum mundo fechado», o documento debruça-se sobre as muitas distorções da época contemporânea: a manipulação e a deformação de conceitos como democracia, liberdade, justiça; o egoísmo e a falta de interesse pelo bem comum; a prevalência de uma lógica de mercado baseada no lucro e na cultura do descartar; o desemprego, o racismo, a pobreza; a desigualdade de direitos e as suas aberrações como a escravatura, o tráfico de pessoas, as mulheres subjugadas e depois forçadas a abortar, o tráfico de órgãos (10-24). Estes são problemas globais que requerem ações globais, sublinha o Papa, apontando o dedo também contra uma «cultura de muros» que favorece a proliferação de máfias, alimentadas pelo medo e pela solidão (27-28).

A muitas sombras, porém, a Encíclica responde com um exemplo luminoso, o do bom samaritano, a quem é dedicado o segundo capítulo, «Um estranho no caminho». Nele, o Papa assinala que, numa sociedade doente que vira as costas à dor e é «analfabeta» no cuidado dos mais frágeis e vulneráveis (64-65), somos todos chamados a estar próximos uns dos outros (81), superando preconceitos e interesses pessoais. De fato, todos nós somos corresponsáveis na construção de uma sociedade



O momento extraordinário de oração em tempos de pandemia presidido pelo Papa Francisco no adro da basílica de São Pedro (27 de março de 2020)

que saiba incluir, integrar e levantar aqueles que sofrem (77). O amor constrói pontes e nós «somos feitos para o amor» (88), acrescenta o Papa, exortando em particular os cristãos a reconhecerem Cristo no rosto de cada pessoa excluída (85). O princípio da capacidade de amar segundo «uma dimensão universal» (83) é também retomado no terceiro capítulo, «Pensar e gerar um mundo aberto»: nele, Francisco exorta cada um de nós a «sair de si mesmo» para encontrar nos outros «um acrescentamento de ser» (88), abrindo-nos ao próximo segundo o dinamismo da caridade que nos faz tender para a «comunhão universal» (95). Afinal – recorda a Encíclica – a natureza espiritual da vida humana é medida pelo amor que nos leva a procurar o melhor para a vida do outro (92-93). O sentido da solidariedade e da fraternidade nasce nas famílias que devem ser protegidas e respeitadas na sua «missão educativa primária e imprescindível» (114).

O direito a viver com dignidade não pode ser negado a ninguém, afirma ainda o Papa, e uma vez que os direitos são sem fronteiras, ninguém pode ser excluído, independentemente do local onde nasceu (121). Deste ponto de vista, o Papa lembra também que é preciso pensar numa «ética das relações internacionais» (126), porque cada país é também do estrangeiro e os bens do território não podem ser negados a aqueles que têm necessidade e vêm de outro lugar. O direito natural à propriedade privada será, portanto, secundário em relação ao princípio do destino universal dos bens criados (120). A Encíclica também coloca uma ênfase específica na questão da dívida externa: embora se mantenha o princípio de que toda a dívida le-

gitimamente contraída deve ser paga, espera-se, no entanto, que isto não comprometa o crescimento e a subsistência dos países mais pobres (126).

Ao tema das migrações é, ao invés, dedicado em parte o segundo e todo o quarto capítulo, «Um coração aberto ao mundo inteiro»: com as suas «vidas dilaceradas» (37), em fuga das guerras, perseguições, catástrofes naturais, traficantes sem escrúpulos, arrancados das suas comunidades de origem, os migrantes devem ser acolhidos, protegidos, promovidos e integrados. Nos países destinatários, o justo equilíbrio será entre a proteção dos direitos dos cidadãos e a garantia de acolhimento e assistência aos migrantes (38-40). Especificamente, o Papa aponta algumas «respostas indispensáveis» especialmente para aqueles que fogem de «crises humanitárias»: incrementar e simplificar a concessão de vistos; abrir corredores humanitários; oferecer alojamento, segurança e serviços essenciais; oferecer possibilidade de trabalho e formação; favorecer a reunificação familiar; proteger os menores; garantir a liberdade religiosa. O que é necessário acima de tudo – lê-se no documento –, é uma legislação («governance») global para as migrações que inicie projetos a longo prazo, indo além das emergências individuais, em nome de um desenvolvimento solidário de todos os povos (129-132).

O tema do quinto capítulo é «A política melhor», ou seja, a que representa uma das formas mais preciosas da caridade porque está ao serviço do bem comum (180) e conhece a importância do povo, entendido como uma categoria aberta, disponível ao confronto e ao diálogo (160). Este é o populismo indicado

por Francisco, que se contrapõe ao «populismo» que ignora a legitimidade da noção de «povo», atraindo consensos a fim de instrumentalizar ao serviço do seu projeto pessoal (159). Mas a melhor política é também a que protege o trabalho, «uma dimensão indispensável da vida social» e procura assegurar que cada um tenha a possibilidade de desenvolver as suas próprias capacidades (162). A verdadeira estratégia contra a pobreza, afirma a Encíclica, não visa simplesmente a conter os necessitados, mas a promovê-los na perspectiva da solidariedade e da subsidiariedade (187). A tarefa da política, além disso, é encontrar uma solução para tudo o que atenta contra os direitos humanos fundamentais, tais como a exclusão social; tráfico de órgãos, e tecidos humanos, armas e drogas; exploração sexual; trabalho escravo; terrorismo e crime organizado. Forte o apelo do Papa para eliminar definitivamente o tráfico de seres humanos, «vergonha para a humanidade», e a fome, porque é «criminosa» porque a alimentação é «um direito inalienável» (188-189).

A política da qual há necessidade, sublinha ainda Francisco, é aquela centrada na dignidade humana e que não está sujeita à finança porque «o mercado por si só, não resolve tudo»: os «estrágos» provocados pela especulação financeira mostraram-no (168). Assumem, portanto, particular relevância os movimentos populares: verdadeiros «torrentes de energia moral», devem ser envolvidos na sociedade, de uma forma ordenada. Desta forma – afirma o Papa –, pode-se passar de uma política «para» os pobres para uma política «com» e «dos» pobres (169). Outro desejo presente na Encíclica diz respeito à reforma da Onu: perante o predomínio da dimensão económica, de facto, a tarefa das Nações Unidas será dar uma real concretização ao conceito de «família de nações», trabalhando para o bem comum, a erradicação da pobreza e a proteção dos direitos humanos. Recorrendo incansavelmente à «negociação, aos mediadores e à arbitragem» – afirma o documento pontifício – a Onu deve promover a força da lei sobre a lei da força (173-175).

Do sexto capítulo, «Diálogo e amizade social», emerge também o conceito de vida como «a arte do encontro» com todos, também com as periferias do mundo e com os povos originais, porque «de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo» (215). Particular, então, a referência do Papa ao «milagre da amabilidade», uma atitude a ser recuperada

CONTINUA NA PÁGINA 3

Palavras do Papa no final da missa em Assis

Agradecimento aos tradutores



No final da Missa, celebrada diante do túmulo de São Francisco de Assis, na tarde de 3 de outubro, antes de assinar a Encíclica «Fratelli tutti», o Papa disse:

Agora vou assinar a Encíclica trazida ao altar por Mons. Paolo Braida, encarregado das traduções e também dos discursos do Papa na Primeira Secção. Ele supervisiona tudo e por isso quis que ele estivesse aqui presente hoje e que me trouxesse a Encíclica. Com ele vieram dois tradutores: o padre António, tradutor de língua portuguesa, que traduziu do espanhol para o português; e o padre Cruz, que é espanhol, e reviu um pouco as outras traduções do original em espanhol. Faço-o em sinal de gratidão a toda a Primeira Secção da Secretaria de Estado, que trabalhou nesta redação e tradução.

[Depois assina a Encíclica].

Estes tradutores são humildes: escondem-se!

Fitar os outros como irmãos e irmãs para nos salvar a nós e ao mundo

ANDREA TORNIELLI

Estamos circundados pelas “sombras de um mundo fechado”, mas há quem não se rende ao avanço das trevas e continua a sonhar, a esperar e a sujar as mãos, comprometendo-se a criar fraternidade e amizade social. A terceira guerra mundial em pedaços já começou, a lógica de mercado baseada no lucro parece predominar sobre a boa política, a cultura do descarte parece prevalecer, o clamor dos povos da fome não é ouvido, mas há quem indique uma forma concreta para construir um mundo diferente e mais humano.

Há cinco anos, o Papa Francisco publicou a encíclica *Laudato si'*, fazendo compreender claramente as ligações entre crise ambiental, crise social, guerras, migrações e pobreza. E indicou um objetivo a alcançar: o de um sistema económico e social mais justo e respeitador da criação, que tenha no seu centro o homem, que é o guardião da mãe terra e não o dinheiro elevado a divindade absoluta. Hoje, com a nova encíclica social *Fratelli tutti*, o Sucessor de Pedro mostra o caminho concreto para alcançar esse objetivo: reconhecer-nos irmãos e irmãs, irmãos porque filhos, guardiões uns dos outros, todos no mesmo barco, como a pandemia tornou ainda mais evidente. A forma para não se render à tentação do *homo homini lupus*, de novos muros, do isolamento e, ao contrário, olhar para o ícone evangélico do Bom Sa-

maritano, tão atual e fora dos esquemas.

O caminho indicado pelo Papa Francisco baseia-se na mensagem de Jesus que elimina qualquer extraneidade. O cristão é efetivamente chamado a «reconhecer Cristo em cada ser humano, para o ver crucificado nas angústias dos abandonados e dos esquecidos deste mundo, e ressuscitado em cada irmão que se levanta». Mas a mensagem da fraternidade pode ser aceite, compreendida e partilhada também por homens e mulheres crentes de outras religiões, assim como por muitos homens e mulheres não crentes.

A nova encíclica apresenta-se como uma suma do magistério social de Francisco e reúne de forma sistemática as ideias oferecidas por pronunciamentos, discursos e intervenções dos primeiros sete anos de pontificado. Uma origem e uma inspiração é certamente representada pelo “Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum”, assinado a 4 de fevereiro de 2019 em Abu Dhabi com o Grão-Imã de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyib. Desta declaração comum, marco no diálogo entre as religiões, o Papa reitera o apelo para que o diálogo seja adotado como caminho, a colaboração comum como conduta e o conhecimento mútuo como método e critério.

Contudo, seria redutivo relegar a nova encíclica apenas para o âmbito do diálogo inter-religioso. A mensagem de *Fratelli tutti* diz respeito a cada um de nós. E contém também páginas esclarecedoras sobre o compromisso social e político. Pode parecer paradoxal que é o Bispo de Roma, voz no deserto, que relança hoje o projeto de uma boa política. Uma política capaz de retomar o próprio papel, durante demasiado tempo deixado às finanças e à fábula dos mercados que produzirão bem-estar para todos sem necessidade de ser governados. Há um capítulo inteiro dedicado à ação política vivida como serviço e testemunho de caridade, que se alimenta de grandes ideias e planifica o amanhã, pensando não na pequena vantagem eleitoral, mas no bem comum e especialmente no futuro das novas gerações. Mais uma vez, num momento em que tantos países se fecham, é precisamente o Papa que formula o convite a não perder a confiança nos organismos internacionais, embora necessitados de reformas para que não sejam considerados apenas os mais fortes. Entre as páginas mais poderosas da encíclica estão as dedicadas à condenação da guerra e à rejeição da pena de morte. Na esteira da *Pacem in terris*, de João XXIII, partindo de um olhar realista sobre os resultados catastróficos que tantos conflitos nas últimas décadas tiveram para a vida de milhões de pessoas inocentes, Francisco recorda que hoje é muito difícil manter os critérios racionais amadurecidos noutros séculos para falar de uma possível “guerra justa”. Tal como é injustificado e inadmissível o recurso à pena capital, que deve ser abolida no mundo inteiro.

É verdade, como afirma o Papa, «no mundo atual, esmorecem os sentimentos de pertença à mesma humanidade; e o sonho de construirmos juntos a justiça e a paz parece uma utopia de outros tempos». Mas há necessidade de voltar a sonhar e, sobretudo, de realizar este sonho em conjunto. Antes que seja demasiado tarde.

Síntese carta encíclica do Santo Padre Francisco

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

porque é «uma estrela na escuridão» e uma «libertação da crueldade, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída» que prevalecem em época contemporânea (222-224). Reflete sobre o valor e a promoção da paz, o sétimo capítulo, intitulado «Percurso dum novo encontro», no qual o Papa sublinha que a paz é «proativa» e visa formar uma sociedade baseada no serviço aos outros e na busca da reconciliação e do desenvolvimento mútuo. A paz é uma «arte» em que cada um deve desempenhar o seu papel e cuja tarefa nunca termina (227-232). Ligado à paz está o perdão: devemos amar todos sem exceção — lê-se na Encíclica —, mas amar um opressor significa ajudá-lo a mudar e não permitir que ele continue a oprimir o seu próximo (241-242). Perdão não significa impunidade, mas justiça e memória, porque perdoar não significa esquecer, mas renunciar à força destrutiva do mal e da vingança. Nunca esquecer «horrores» como a Shoah, os bombardeamentos atômicos em Hiroshima e Nagasaki, perseguições e massacres étnicos — exorta o Papa — devem ser sempre recordados, novamente, para não nos anestesiarmos e manterem viva a chama da consciência coletiva. E também é importante fazer memória do bem. (246-252).

Parte do sétimo capítulo se detém, então, sobre a guerra: «uma ameaça constante», que representa a «negação de todos os direitos», «o fracasso da política e da humanidade», «a vergonhosa rendição às forças do mal». Além disso, devido às armas nucleares, químicas e biológicas que afetam muitos civis inocentes, hoje já não podemos pensar, como no passado, numa possível «guerra justa», mas temos de reafirmar fortemente «Nunca mais a guerra! A eliminação total das armas nucleares é «um imperativo moral e humanitário»; em vez disso — sugere o Papa — com o dinheiro do armamento deveria ser criado um Fundo Mundial para acabar de vez com a fome (255-262). Francisco expressa uma posição igualmente clara sobre a pena de morte: é inadmissível e deve ser abolida em todo o mundo. «O homicida não perde a sua dignidade pessoal — escreve o Papa — e o próprio Deus Se constituiu seu garante» (263-269). Ao mesmo tempo, a necessidade de respeitar «a sacralidade da vida» (283) é reafirmada onde «partes da humanidade parecem sacrificáveis», tais como os nascituros, os pobres, os deficientes, os idosos (18).

No oitavo e último capítulo, o Pontífice se detém sobre «Religiões ao serviço da fraternidade no mundo» e reitera que o terrorismo não se deve à religião, mas a interpretações erradas de textos religiosos,

bem como a políticas de fome, pobreza, injustiça e opressão (282-283). Um caminho de paz entre as religiões é, portanto, possível; por isso, é necessário garantir a liberdade religiosa, direito humano fundamental para todos os crentes (279). Uma reflexão, em particular, a Encíclica faz sobre o papel da Igreja: ela não relega a sua missão à esfera privada e, embora não fazendo política, não renuncia à dimensão política da existência, à atenção ao bem comum e à preocupação pelo desenvolvimento humano integral, segundo os princípios evangélicos (276-278).

Por fim, Francisco cita o «Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum», assinado por ele mesmo em 4 de fevereiro de 2019 em Abu Dhabi, junto com o Grão-Imã de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyib: desta pedra miliar do diálogo inter-religioso, o Pontífice retoma o apelo para que, em nome da fraternidade humana, o diálogo seja adotado como caminho, a colaboração comum como conduta, e o conhecimento mútuo como método e critério (285).

Online o texto integral

A carta encíclica do Santo Padre encontra-se no site www.vatican.va

A urgência de parar e refletir



CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

blinha o papel decisivo das religiões “ao serviço da fraternidade do mundo” (cap. 8).

Um texto muito denso que obriga o leitor a parar e ler cuidadosamente para refletir, meditar e depois, finalmente, agir. Neste jornal, a partir dos próximos dias, de todo o texto com os seus oito capítulos serão oferecidas ao leitor chaves de leitura, a fim de o aprofundar, ativando um processo de conhecimento não superficial nem emocional. Agora, é suficiente uma primeira reflexão simples, quase uma impressão, sobre o tema da dignidade, uma das palavras mais recorrentes na encíclica, tendo em consideração apenas um trecho, o ponto 68 do texto, tirado do segundo capítulo, onde o Santo Padre medita sobre o conteúdo do Evangelho de Lucas dedicado à parábola do Bom Samaritano. O capítulo intitula-se “Um estranho no caminho” e começa com uma verdadeira exegese das palavras de Jesus, que permite ao Papa refletir com o leitor sobre o facto de a ajuda dada pelo samaritano «revelar-nos uma característica essencial do ser humano, frequentemente esquecida: fomos criados para a plenitude, que só se alcança no amor. Viver indiferentes à dor não é uma opção possível; não podemos deixar ninguém caído “nas margens da vida”. Isto deve indignar-nos de tal maneira que nos faça descer da nossa serenidade alterando-nos com o sofrimento humano. Isto é dignidade».

São palavras chocantes, que invertem a nossa ideia de dignidade. Associamos frequentemente dignidade com frieza, com imperturbabilidade, diz-se de um homem que “não perdeu a dignidade”, porque permaneceu sereno e não deixou transparecer sentimentos de raiva nem de sofrimento. E, ao contrário, aqui o Papa vai além e apresenta-nos outra face, paradoxal, de dignidade: da serenidade é preciso “descer”, é necessário perder o fleuma para nos “perturbar” com o sofrimento dos outros. Dignidade é algo quente, físico, visceral. Tal como a misericórdia, protagonista da parábola, que é algo que tem a ver com as entranhas (*rachamin*, é a palavra que, em hebraí-

co, indica tanto a misericórdia como as entranhas). É precisamente daqui que se deve recomençar, a partir do gesto visceral do samaritano, que nada mais faz do que parar em contraste com os outros personagens, provavelmente apressados; num mundo que corre incessantemente, a do Papa é uma voz que pede, implora urgentemente para parar a fim de recuperar o sentido da dignidade humana, da sua, dos outros. Permanecendo fiel a si mesmo, a essa “característica essencial do ser humano”, o Papa diz-nos que hoje é absolutamente necessário restituir ao homem a dignidade, um bem precioso e frágil que deve ser preservado e alimentado todos os dias, em todos os lugares, sempre.

* * *

Domingo de manhã, na praça de São Pedro, houve uma bonita festa popular, no momento do Angelus, uma dupla festa para a redação de “L'Osservatore Romano” que finalmente, após um lockdown de seis meses que impediu a impressão do jornal, volta à publicação também em papel com novo formato e nova configuração. Não é um mero “regresso” ao papel, mas a realização de um projeto de reforma que começou há muito tempo. Um jornal, também por motivos etimológicos, não pode deixar de se “atualizar”, especialmente se for um jornal internacional que sai em sete línguas e chega aos seus leitores nos cinco continentes do planeta.

A atualização inclui uma renovação na gráfica e no conteúdo, a fim de oferecer ao leitor informações mais aprofundadas. Esta é a palavra, aprofundar, querida a São Paulo VI, que inspirou o projeto do “novo” Osservatore Romano. O jornal que tendes nas mãos (finalmente podemos pronunciar esta frase), tem um formato ligeiramente menor do que o anterior, o que significa um aumento do número diário de páginas que se tornam 12. Destas, as quatro páginas centrais tornar-se-ão um suplemento extraível com um fundo temático: na terça-feira à tarde “Quattropagine”, o semanário cultural; na quarta-feira à tarde “Religio”, dedicado à Igreja como hospital de campanha a caminho pelas estradas

do mundo, onde se encontra com as outras religiões; na quinta-feira à tarde “La settimana di Papa Francesco”, para realçar palavras e gestos do Pontífice; na sexta-feira à tarde “Atlante”, um semanário internacional de notícias que relata as crónicas de um mundo globalizado.

Duas palavras-chave podem explicar o significado deste projeto de atualização e renovação: integração e esperança. A primeira refere-se a uma dupla relação: uma entre jornais de papel e digitais e outra relativa à integração de “L'Osservatore Romano” no sistema dos meios de comunicação social do Vaticano. O período de suspensão devido à pandemia causou um forte impulso ao desenvolvimento do jornal no mundo digital, pelo que hoje o diário está disponível na rede (www.osservatoreromano.va) graças à nova app, que pode ser descarregada gratuitamente tanto na AppStore como na PlayStore. Por outro lado, o jornal, fundado em julho de 1861, durante muitas décadas o único meio de comunicação da Santa Sé, está hoje circundado por uma série de outros meios de comunicação social, a partir da Rádio Vaticano e do portal Vatican News, e com eles integra-se num processo que coordena os vários meios, exaltando a própria peculiaridade de cada um. A lógica é, para o dizer com as palavras do Papa Francisco, tirada também desta última encíclica, a da perspectiva mais ampla e complexa que sobressai da figura do poliedro, que «não é a esfera global que anula, nem a parcialidade isolada que a torna estéril», mas é precisamente «o poliedro onde, enquanto cada um é respeitado no seu valor, “o todo é mais do que as partes, e é também mais do que a sua simples soma”».

Por fim, a esperança. Também aqui as palavras do Papa podem servir para esclarecer. Falando à revista belga “Tertio”, a 18 de setembro, Bergoglio afirmou: «O profissional cristão da informação deve ser um porta-voz de esperança, um portador de confiança no futuro. Pois só quando o futuro é aceite como realidade positiva e possível, também o presente se torna viável». Para ser porta-voz da esperança, o cristão deve procurar «uma visão positiva das

pessoas e dos acontecimentos, rejeitando preconceitos», a fim de «fomentar uma cultura do encontro através da qual é possível conhecer a realidade com um olhar confiante». “L'Osservatore Romano” faz suas estas palavras do Papa e compromete-se a narrar as histórias de hoje e de ontem (a história da Igreja é sempre contemporânea) com uma perspectiva positiva, voltada para o futuro. Portanto, uma abordagem profissional que se baseia na imaginação e na criatividade que procura dar voz àquelas que não a têm, para narrar o bem que silenciosamente abre caminho, iluminar a esperança que floresce até nas situações mais dramáticas, fazer ouvir o grito e as expectativas dos últimos e dos descartados, que muitas vezes lutam para encontrar espaço no fluxo das notícias diárias. Precisamente neste tempo tão acelerado em que o ritmo frenético da informação nos parece submergir, temos que parar para refletir e assim ver dentro e fora das notícias para compreender, permitindo que a realidade nos surpreenda, nos interroge, nos comova. Só se conseguirmos evitar o fluxo de ativismo que corre o risco de nos atordoar e entorpecer a nossa sensibilidade, seremos capazes de agir como o Bom Samaritano, percebendo que há um estranho pelo caminho, mas que se nos aproximarmos, ele deixará de ser um estranho mas tornar-se-á nosso semelhante e, afinal, um amigo. Caso contrário, corremos o risco de agir como os dois discípulos viajantes de Emaús, que se encontram com um “forasteiro” pelo caminho e não se apercebem de que é Jesus. Sabem tudo sobre as notícias do dia, estão “informados”, mas não conseguem compreender o seu significado. Eis o desafio de um jornal como “L'Osservatore Romano” que é “forasteiro” porque vive neste mundo mas olha para ele, julgando-o não só com uma lógica mundana mas também com um olhar que “não é deste mundo”. Portanto, um grande objetivo: amplia a perspectiva com que se observa o mundo, oferecendo a ótica que se vê de Roma, do coração da catolicidade, procurando tocar a mente e o coração dos leitores com uma comunicação curiosa, honesta e aberta.

CATEQUESE

Necessidade de curar o mundo em tempo de pandemia

Uma sociedade solidária é muito mais resistente a qualquer vírus

«Uma sociedade solidária e equitativa é uma sociedade mais sadia. Uma sociedade participativa fortalece a comunhão» e «é muito mais resistente a qualquer tipo de vírus», afirmou o Papa na audiência geral de quarta-feira, 30 de setembro, no pátio de São Dâmaso no Vaticano. Prosseguindo o ciclo de catequeses sobre a necessidade de «curar o mundo» neste tempo de pandemia, o Pontífice — inspirando-se para a reflexão num trecho da Carta aos Hebreus (12, 1-2) — aprofundou o tema «Preparar o futuro juntamente com Jesus que salva e cura».

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Nas últimas semanas, refletimos juntos, à luz do Evangelho, sobre como curar o mundo que sofre de um mal-estar que a pandemia realçou e acentuou. Já havia o mal-estar: a pandemia realçou-o mais, acentuou-o. Percorremos os caminhos da dignidade, da solidariedade e da subsidiariedade, caminhos indispensáveis para promover a dignidade humana e o bem comum. E, como discípulos de Jesus, começamos a seguir os seus passos, optando pelos pobres, reconsiderando o uso dos bens e cuidando da casa comum. No meio da pandemia que nos aflige, ancorámo-nos nos princípios da doutrina social da Igreja, deixando-nos guiar pela fé, pela esperança e pela caridade. Aqui encontramos uma ajuda sólida para sermos agentes de transformação que fazem sonhos grandiosos, que não se detêm nas mesquinhasrias que dividem e magoam, mas encorajam a gerar um mundo novo e melhor.

Gostaria que este percurso não terminasse com estas minhas catequeses, mas que pudéssemos continuar a caminhar juntos, «mantendo os olhos fixos em Jesus» (Hb 12, 2), como ouvimos no início; o nosso olhar em Jesus que salva e cura o mundo. Como o Evangelho nos mostra, Jesus curou os doentes de todos os tipos (cf. Mt 9, 35), restituiu a vista aos cegos, a palavra aos mudos e a audição aos surdos. E quando curava doenças e enfermidades físicas, também curava o espírito perdoando os pecados, porque Jesus perdoa sempre, bem como as «dores sociais» incluindo os marginalizados (cf. Catecismo da Igreja Católica, 1421). Jesus, que renova e reconcilia cada criatura (cf. 2 Cor 5, 17; Cl 1, 19-20), concede-nos os dons necessários para amar e curar como ele sabia fazer (cf. Lc 10, 1-9; Jo 15, 9-17), para cuidar de todos sem distinção de raça, língua ou nação.

Para que isto aconteça realmente, precisamos de contemplar e apreciar a beleza de cada ser hu-

mano e de cada criatura. Fomos concebidos no coração de Deus (cf. Ef 1, 3-5). «Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário» (Bento XVI, Homília para o início do ministério petrino [24 de abril de 2005]; cf. Laudato si', 65). Além disso, cada criatura tem algo a dizer-nos sobre Deus Criador (cf. Enc. Laudato si', 69-239). Reconhecer esta verdade e dar graças pelos vínculos íntimos da nossa comunhão universal com todas as pessoas e todas as criaturas ativa «um cuidado generoso e cheio de ternura» (ibid., 220). Ajuda-nos também a reconhecer Cristo presente nos nossos irmãos e irmãs pobres e sofredores, a encontrá-los e a ouvir o seu clamor e o clamor da terra que lhes faz eco (cf. ibid., 49).

Mobilizados interiormente por estes clamores que reclamam de nós outra linha de ação (cf. ibid., 53), reclamam uma mudança, poderemos contribuir para a cura das relações com os nossos dons e capacidades (cf. ibid., 19). Poderemos regenerar a sociedade e não voltar à chamada “normalidade”, que é uma normalidade doentia, aliás, estava doente já antes da pandemia: a pandemia realçou-a! “Agora voltamos à normalidade”: não, assim



não pode ser, porque esta normalidade estava doente de injustiças, desigualdades e degradação ambiental. A normalidade a que somos chamados é a do Reino de Deus, onde «os cegos veem e os coxos andam, os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a Boa Nova é anunciada aos pobres» (Mt 11, 5). E ninguém faz de contas olhando para o outro lado. É isto que temos de fazer para mudar. Na normalidade do Reino de Deus o pão chega a todos e sobra, a organização social baseia-se em contribuir, partilhar e distribuir, não em possuir, excluir e acumular (cf. Mt 14, 13-21). O gesto que faz progredir uma sociedade, uma família, um bairro, uma cidade, todos, é doar-se, dar, que não é dar esmola, mas uma dádiva que vem do coração. Um gesto que afasta o egoísmo e a ansiedade de possuir. Mas o modo cristão de o fazer não é um modo mecânico: é um modo humano. Nunca conseguiremos sair da crise que emergiu da pandemia, mecanicamente, com novos instrumentos — que são muito importantes, que

nos fazem ir em frente e dos quais não devemos ter medo — mas sabendo que os meios mais sofisticados poderão fazer muitas coisas, mas uma coisa eles nunca poderão fazer: a ternura. E a ternura é o próprio sinal da presença de Jesus. Aproximar-se do outro para caminhar, para curar, para ajudar, para se sacrificar pelo outro.

Assim, a normalidade do Reino de Deus é importante: que o pão chegue a todos, a organização social se baseie em contribuir, partilhar e distribuir, com ternura, e não em possuir, excluir e acumular. Pois no final da existência nada levaremos para a outra vida!

Um pequeno vírus continua a causar feridas profundas e a expor as nossas vulnerabilidades físicas, sociais e espirituais. Pôs a nu a grande desigualdade que reina no mundo: desigualdade de oportunidades, de bens, de acesso aos cuidados médicos, à tecnologia, à educação: milhões de crianças não podem ir à escola, e assim por diante. Estas injustiças não são naturais nem inevitáveis. São obra do homem, vêm de um modelo de crescimento separado dos valores mais profundos. O desperdício das sobras de refeições: com esse desperdício podemos dar de comer a toda a gente. E isto fez com que muitas pessoas perdessem a esperança e aumentou a incerteza e a angústia. É por isso que, para sair da pandemia, temos de encontrar a cura não só para o coronavírus — que é importante! — mas também para os grandes vírus humanos e socioeconômicos. Não devemos escondê-los, dando uma pincelada para que não possam ser vistos. E certamente não podemos esperar que o modelo econômico subjacente ao desenvolvimento injusto e in-



Introdução ao documento

Como uma «biblioteca de Cristo»

GIANFRANCO RAVASI

Era o dia 30 de setembro de 420 e em Belém, perto da gruta da Natividade de Cristo, o dalmata Jerónimo terminava a sua existência terrena, cuja trama tinha sido particularmente variada e atormentada. Exatamente mil e seiscentos anos após aquele dia de outono, o Papa Francisco quis dedicarlhe uma ampla e intensa Carta Apostólica, que constitui a substância deste pequeno volume. De facto, o título *Scripturae Sacrae affectus*, tirado da liturgia da memória do santo, constitui uma síntese extraordinária da sua experiência pessoal e da sua obra, quase uma bandeira emblemática daquele que está na memória de todos como o tradutor por excelência da Bíblia através daquela *Vulgata* que atravessou os séculos.

Precisamente por esta razão a sua figura tem sido um ponto de referência capital para a história da cultura ocidental e também para a arte, e é verdadeiramente surpreendente que o próprio Papa tenha querido evocar alguns aspectos «sapienciais» artísticos, partindo da «comovedora obra-prima» do quadro de Jerónimo penitente no deserto, que Leonardo da Vinci executou por volta de 1482 e que teve uma vicissitude com contornos romanesco. As últimas horas da vida do santo foram representadas pelo imponente retábulo no qual Domenichino, entre 1611 e 1614, fixou a extrema *Comunhão de São Jerónimo*, obra preservada, como a outra, na Pinacoteca do Vaticano. Num atmosfera hierática o célebre «Leão de Belém», já debilitado, recebe a Eucaristia rodeado pelos seus discípulos e pela fiel Paula, testemunhas das comunidades monásticas por ele fundadas.

A Carta Apostólica é um verdadeiro retrato histórico-teológico deste apaixonado cultor da Palavra de Deus, é uma guia para a sua vasta atividade exegética e espiritual, é um apelo a seguir os seus passos «amando o que ele amou». A clareza do ditado e da estrutura do texto papal é tal que não requer comentários, mas apenas uma leitura cuidadosa: cada página está impregnada de citações muito evocativas tiradas dos escritos jeronimitas. Por esta razão é realmente possível quase ouvir a sua voz, com a multiplicidade de tons, ênfases, os mesmos sentimentos de uma personalidade tão forte e as características típicas dos profetas bíblicos com a sua veemência e paixão.

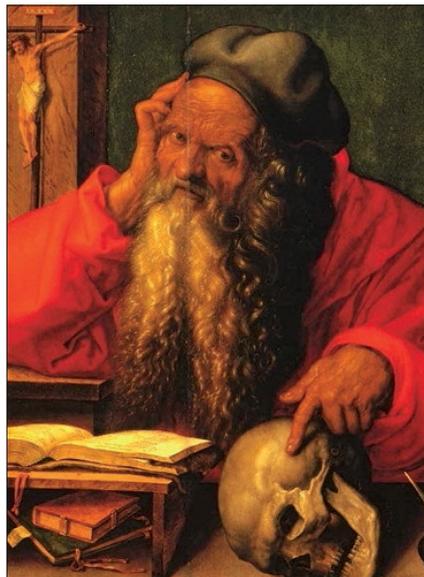
A complexa sequência de eventos biográficos distribuídos sobretudo entre Roma e a Terra Santa é reconstruída de forma exata e vivaz, partindo do famoso ponto de viragem da quaresma de 375, que também nós queremos recordar. Somente devido à febre, na sua mente tinha-se aberto uma espécie de visão. Em pé diante do Juiz divino, «fui interrogado sobre a minha condição; respondi que era cristão!». Mas Aquele que presidia a essa assembleia retorquiu: tu mentes! És

um ciceroniano, não um cristão». «Senhor – respondi – se continuar a ter livros mundanos nas minhas mãos, se os ler, será como se vos tivesse renegado!». Assim, o santo relatou o grande ponto de viragem na sua vida numa carta, a N. 22 do catálogo tradicional, dirigida à fiel discípula Eustóquio.

«Tornei-me então», escreveu noutra epístola, «discípulo de um irmão judeu convertido para aprender, depois das subtilezas de Quintiliano, dos rios de eloquência de Cícero, da gravidade de Frontão e da agradabilidade de Plínio, um novo alfabeto e para praticar a pronúncia de sons estridentes e aspirantes. Que cansaço foi para mim, que dificuldades encontrei, quantas vezes parei e depois, devido ao desejo de aprender, recomencei, só a minha consciência o pode testemunhar, a qual suportou tudo, mas também a daqueles que foram meus companheiros na vida». Assim começou a grande aventura que se tornou famosa com o nome *Vulgata*, ou seja, a elaboração de uma tradução «popular» latina da Bíblia.

A partir desse momento, o Papa segue todo o itinerário, nalguns aspectos fascinante e cheio de acontecimentos, da experiência cristã de Jerónimo, que tem o seu coração no amor pela Sagrada Escritura enfrentado na sua dupla dimensão de «letra» e «espírito». O eixo fundamental da sua vicissitude humana e espiritual encontra-se na sua obra de tradução, encarnada precisamente na *Vulgata*, «o fruto mais doce da árdua sementeira» dos seus estudos literários e histórico-críticos. A este respeito, o Papa Francisco oferece não só uma série de preciosas anotações sobre a importância desta operação nas suas características básicas, mas também na importância eclesial por ela registada. Acima de tudo, capta a sua alma muito original, que está também na raiz de cada tradução qualificada que continua a revelar-se ainda hoje através das versões incessantes da Bíblia nas mais diversas línguas.

A tradução, de facto, é um ato de inculturação e, a este respeito, ao recuperar explicitamente uma reflexão significativa desenvolvida pelo pensamento contemporâneo (P. Ricoeur, L. Wittgenstein, G. Steiner) o Papa estabelece «uma analogia entre a tradução, como ação de hospitalidade linguística, e outras formas de acolhimento. Por esta razão, a tradução não é uma obra que diz respeito apenas à língua, mas corresponde, na verdade, a uma decisão ética mais ampla, que está ligada à inteira visão da vida. Sem tradução, as diferentes comunidades linguísticas seriam incapazes de se comunicarem entre elas; fechariam as portas da história umas às outras e negariam a possibilidade de construir uma cultura do encontro. Com efeito, sem tradução, não há hospitalidade, aliás, reforçam-se as práticas de hostilidade. O tradutor é um construtor de pontes. Quantos julgamentos imprudentes,



Albrecht Dürer
«São Jerónimo»
(1521)

Biblia Parisiensis, em uso na Universidade de Paris, contudo uma das formas menos perfeitas da longa vida da *Vulgata*.

Foi apenas no Concílio de Trento que, após a «autenticidade» da *Vulgata* ter sido afirmada como texto bíblico oficial da Igreja católica (8 de abril de 1546) – sobre cujo valor específico a Carta Apostólica oferece uma indicação essencial e exata – que o voto foi expresso para uma «edição típica» mais rigorosa. O desejo dos Padres conciliares só se realizou a 9 de novembro de 1592, após acontecimentos conturbados que envolveram cinco papas (Pio IV, Pio V, Sisto V, Gregório XIV, Clemente VIII). A edição definitiva foi então publicada com o título *Biblia Sacra Vulgatae editionis Sixti Quinti Pont. iussu recognita atque edita*. Na edição de Lião de 1604 também foi acrescentado o nome de Clemente VIII e a partir de então foi chamada «Bíblia sisto-clementina». Nos séculos seguintes as revisões foram incessantes até à proposta particular da *Neovulgata* promulgada por S. João Paulo II em 1979 e explicitamente mencionada na Carta.

É um facto que, apesar da diferença de épocas, a *Vulgata* ainda hoje exerce um indubitável fascínio literário, também pelo seu uso na história da arte e da música. Além disso, como foi dito, condicionou de alguma forma o pensamento e o vocabulário teológico. Agora, o estudioso francês Georges Mounin definiu ironicamente cada boa tradução como uma *belle infidèle*, bela, sim, mas com um grau de infidelidade em comparação com a matriz original, especialmente quando se trata de sistemas linguísticos e culturais diferentes. Prosseguiu na esteira do grande Cervantes, o autor de *Dom Quixote*, que estava convencido de que cada versão era como o reverso desbotado de uma bela tapeçaria. Os problemas levantados pela tradução de um texto não são, de facto, apenas linguístico-literários mas hermenêuticos, especialmente quando no meio há uma Escritura «sagrada». No entanto, ainda hoje, Jerónimo permanece, neste sentido, um emblema de mérito e método, com o seu rigor e liberdade, com o seu conhecimento e criatividade.

Mas indo além das questões estritamente críticas, o Papa, quase como pano de fundo de todo o texto, nesta celebração centenária, orienta a comunidade eclesial a retomar o legado substancial de São Jerónimo, ou seja, o amor feito de estudo e de adesão vital à Palavra de Deus. Este é um tema constantemente exaltado pelo Magistério eclesial. Em particu-

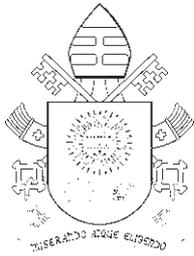
quantas condenações e conflitos surgem por ignorarmos a língua dos outros e por não nos aplicarmos, com tenaz esperança, a esta interminável prova de amor que é a tradução!».

Com todas as reservas críticas, muitas vezes compreensíveis considerando as diferentes coordenadas cronológicas e culturais e a nossa sensibilidade filológica diferente, a *Vulgata* não só constituiu um monumento literário do latim tardio, como também plasmou a linguagem teológica do Ocidente cristão. Na verdade, o sucesso chegou à obra de Jerónimo apenas alguns séculos mais tarde. Foi São Gregório Magno, Papa de 590 a 604, que utilizou a tradução de Jerónimo para os seus escritos exegéticos e espirituais. Seguiram-no o quase contemporâneo Isidoro de Sevilha e Beda, o Venerável, que morreu em 735. O rio de cópias cresceu sem medida, arrastando com ele todo o tipo de detritos, ou seja, erros dos escribas, alterações intencionais, variações marginais, contaminações com outras antigas versões latinas. Foi então necessário proceder a revisões e codificações, o que deu origem a verdadeiras tipologias textuais representadas por famílias de códices, agrupadas convencionalmente de acordo com as áreas geográficas.

Assim nasceu o chamado modelo «italiano», que recebeu o nome da área primária de difusão da *Vulgata*: não se deve esquecer que o historiador e teólogo Cassiodoro, no século VI, foi, com São Gregório, um criador da adoção da versão jeronimita para leitura e estudo da Bíblia no seu *Vivarium*, a «universidade» por ele fundada nas suas terras de Squillace na Calábria. Havia uma tipologia «Gálica» ligada a Alcuin, encarregado para esta operação por Carlos Magno (séculos VIII-IX); outros modelos apareceram na Espanha e na Irlanda. Não é necessário para os nossos propósitos traçar o perfil deste delta ramificado no qual o rio da *Vulgata* desembocou, nem descrever as revisões feitas por várias personalidades, tais como São Pier Damiani e Lanfranco de Pavia no século XI. O texto mais difundido que continuou o seu caminho nos séculos seguintes até ao Renascimento foi a chamada

Carta Apostólica do Santo Padre Francisco no XVI centenário da morte de São Jerónimo

«Scripturæ Sacræ affectus»



Carta Apostólica
SCRIPTURÆ SACRÆ AFFECTUS
do Santo Padre Francisco
no XVI centenário da morte
de São Jerónimo

O afeto à Sagrada Escritura, um termo e vivo amor à Palavra de Deus escrita é a herança que São Jerónimo, com a sua vida e as suas obras, deixou à Igreja. Tais expressões, tiradas da memória litúrgica do Santo, dão-nos uma chave de leitura indispensável para conhecermos, no XVI centenário da morte, a sua figura saliente na história da Igreja e o seu grande amor a Cristo. Este amor ramifica-se, como um rio em muitos canais, na sua obra de incansável estudioso, tradutor, exegeta, profundo conhecedor e apaixonado divulgador da Sagrada Escritura; na sua obra de intérprete primoroso dos textos bíblicos; de defensor ardente e por vezes impetuoso da verdade cristã; de eremita asceta e intransigente, bem como de sábia guia espiritual, na sua generosidade e ternura. Passados mil e seiscentos anos, a sua figura continua a ser de grande atualidade para nós, cristãos do século XXI.

Introdução

A 30 de setembro de 420, termina a vida terrena de Jerónimo em Belém, na comunidade que ele fundara na gruta da Natividade. Assim se entregava àquele Senhor que nunca cessara de procurar e conhecer na Escritura; o mesmo que ele, febricitante, tinha contemplado como Juiz, numa visão, talvez na Quaresma de 375. Naquele acontecimento, que marcou uma viragem decisiva na sua vida, momento de conversão e mudança de perspetiva, sentiu-se arrasado até à presença do Juiz. «Interrogado sobre a minha condição, respondi que era cristão. Mas, Aquele que presidia retorquiu: “Mentes... Tu és ciceroniano; não, cristão!”».² Na realidade, desde muito jovem, Jerónimo apreciara a beleza cristalina dos textos clássicos latinos, em

comparação com os quais os escritos da Bíblia, num primeiro tempo, se lhe apresentavam rudes e sem sintaxe, grosseiros demais para os seus refinados gostos literários.

Aquele episódio da sua vida concorre para a decisão de se dedicar inteiramente a Cristo e à sua Palavra, consagrando a sua existência a tornar as palavras divinas cada vez mais acessíveis aos outros, com o seu trabalho incansável de tradutor e comentador. Aquele acontecimento imprime na sua vida uma orientação nova e mais convicta: tornar-se servidor da Palavra de Deus, como enamorado da «carne da Escritura». Assim, na investigação contínua que caracterizou a sua vida, valoriza os seus estudos da juventude e a formação recebida em Roma, orientando o seu saber para um serviço mais ma-

duro a Deus e à comunidade eclesial.

Por isso, São Jerónimo conta-se, a pleno título, entre as grandes figuras da Igreja antiga, no período definido como o século áureo da Patrística, verdadeira ponte entre o Oriente e o Ocidente: é amigo de juventude de Rufino de Aquileia, encontra Ambrósio e troca intensa correspondência com Agostinho. No Oriente, conhece Gregório Nazianzeno, Dídimo o Cego, Epifânio de Salamina. Assim o consagra a tradição iconográfica cristã ao representá-lo, juntamente com Agostinho, Ambrósio e Gregório Magno, entre os quatro grandes doutores da Igreja do Ocidente.

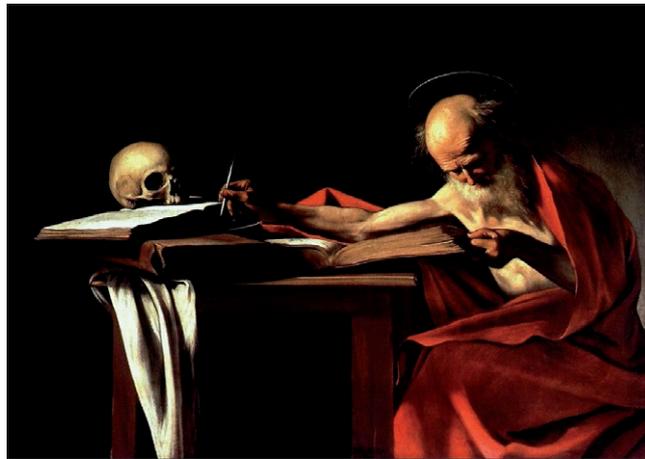
Já os meus antecessores quiseram, em várias circunstâncias, lembrar a sua figura. Há um século, por ocasião do décimo quinto centenário da morte, Bento XV dedicou-lhe a carta encíclica *Spiritus Paraclitus* (15 de setembro de 1920), apresentando-o ao mundo como «*doctor maximus explanandis Scripturis*» – doutor eminente na interpretação das Escrituras.³ Mais recentemente, Bento XVI apresentou a personalidade dele e as suas obras, em duas catequeses sucessivas.⁴ Agora, no décimo sexto centenário da morte, desejo também eu recordar São Jerónimo e repropor a atualidade da sua mensagem e ensinamentos, a começar pelo seu grande afeto às Escrituras.

Neste sentido, é possível relacioná-lo idealmente, como guia seguro e testemunha privilegiada, com a XII Assembleia do Sínodo dos Bispos, dedicada à Palavra de Deus,⁵ e com a exortação apostólica *Verbum Domini* do meu predecessor Bento XVI, publicada precisamente na memória do Santo, em 30 de setembro de 2010.⁶

De Roma a Belém

A vida e o itinerário pessoal de São Jerónimo consumam-se ao longo das estradas do Império Romano, entre a Europa e o Oriente. Nasido por volta de 345 em Estridão, na fronteira entre a Dalmácia e a Panónia, no território atual da Croácia ou da Eslovénia, recebe uma sólida educação na sua família cristã. Seguindo o costume de então, é batizado em idade adulta, nos anos que transcorre em Roma como estudante de retórica, entre 358 e 364. É precisamente neste período romano que se torna leitor insaciável dos clássicos latinos, que estuda sob a orientação dos mestres de retórica mais ilustres da época.

Terminados os estudos, empreende uma longa viagem pela Gália que o leva à cidade imperial de Tréveros, hoje na Alemanha. Aqui entra em contacto, pela primeira vez, com a experiência monástica oriental, difundida por Santo Atanásio. Amadurece assim nele um desejo profundo que o impele até Aquileia, onde com alguns amigos seus – «um coro de bem-aventurados»⁷ – começa um período de vida comunitária.



Caravaggio, «São Jerónimo» (1606)

Introdução ao documento

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 6

lar, sobressaem as confirmações do Concílio Vaticano II com a *Dei Verbum*, a Exortação Apostólica *Verbum Domini* que Bento XVI promulgou precisamente em memória do santo, a 30 de setembro de 2010, a *Evangelii Gaudium* e a *Aperuit illis* do próprio Papa Francisco, nem se pode esquecer que no paralelo do XV centenário da morte de Jerónimo, em 1920, Bento XV promulgou a encíclica *Spiritus Paraclitus*. De facto, «o traço distintivo da figura espiritual de São Jerónimo permanece sem dúvida o seu amor apaixonado pela Palavra de Deus, transmitido à Igreja na Sagrada Escrituras».

Nas páginas da Carta Apostólica sobressaem outras características. Em particular o seu compromisso teórico e prático pela vida monástica, bem como o seu amor vivo pela Virgem Mãe que «ponderava no seu coração» (*Lc 2, 19, 51*), «pois ela era santa e tinha lido as Sagradas

Escrituras, conhecia os profetas e lembrava-se do que o anjo Gabriel lhe tinha anunciado e do que tinha sido dito pelos profetas». Um traço, geralmente menos acentuado e que o Papa Francisco desenvolve, é a ligação do santo com a Catedral de Pedro. Também predomina no Padre da Igreja aquele eixo cristológico que guiará não só a sua fé mas inclusive a sua exegese. À sua figura aplica-se, de facto, o que ele próprio escreveu sobre o seu amigo Nepociano: «Com leitura assídua e meditação constante, ele fez do seu coração uma biblioteca de Cristo».

Esta nossa premissa – dedicada a um texto verdadeiramente luminoso como o são estas páginas consagradas pelo Papa Francisco a um Padre da Igreja, com um temperamento ardente e até provocador, mas também com uma fé límpida e calorosa como era São Jerónimo – poderia facilmente ter um selo no próprio documento pontifício. A síntese final, com efeito, deve ser

procurada no apelo conclusivo da Carta. Retomando a imagem que acaba de ser proposta da «biblioteca de Cristo», o Papa recorda-nos que a de Jerónimo é uma biblioteca viva que «continua a ensinar-nos o que significa o amor de Cristo, um amor que é inseparável do encontro com a sua Palavra». Por esta razão o atual centenário representa um apelo a amar o que Jerónimo amou, redescobrimo os seus escritos e deixando-nos tocar pelo impacto de uma espiritualidade que pode ser descrita, no seu núcleo mais vital, como o desejo inquieto e apaixonado de um maior conhecimento do Deus da Revelação. Não podemos deixar de ouvir, nos nossos dias, aquilo a que Jerónimo exortava incessantemente os seus contemporâneos: «Lê com frequência as Divinas Escrituras; aliás, as tuas mãos nunca abandonem o livro sagrado».

CONTINUA NA PÁGINA 8

«Scripturæ Sacræ affectus»

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 7

Por volta do ano 374, passando por Antioquia, decide retirar-se para o deserto de Cálcida, a fim de se entregar, de forma cada vez mais radical, a uma vida ascética em que se reserva grande espaço para o estudo das línguas bíblicas: primeiro, o grego e, depois, o hebraico. Confia-se a um irmão judeu, batizado, que o introduz no conhecimento da nova língua – o hebraico – e dos seus sons, que define «estridentes e aspirados»⁸.

O deserto, com a subsequente vida eremita, é escolhido e vivido por Jerónimo no seu significado mais profundo: o lugar das opções existenciais fundamentais, de intimidade e encontro com Deus, onde, através da contemplação, das provações interiores, do combate espiritual, chega ao conhecimento da fragilidade, com uma maior consciência das limitações próprias e alheias, reconhecendo a importância das lágrimas.⁹ Deste modo, no deserto, sente a presença concreta de Deus, a necessidade do relacionamento do ser humano com Ele, a sua misericordiosa consolação. A propósito, gosta de lembrar uma história, de tradição apócrifa. Jerónimo pergunta ao Senhor: «Que queis de mim?». E Ele responde: «Ainda não Me deste tudo». «Mas, Senhor, já Vos dei isto... isto... e isto...» - «Falta uma coisa!» - «O quê?» - «Dá-Me os teus pedacinhos, para que Eu possa ter a alegria de voltar a perdoá-los».¹⁰

Em seguida vamos encontrá-lo em Antioquia, onde é ordenado sacerdote pelo bispo Paulino; depois em Constantinopla por volta do ano 379, onde conhece Gregório Nazianzeno e onde continua os seus estudos, dedica-se à tradução em latim de importantes obras do grego (homílias de Orígenes e a crônica de Eusébio), respira o clima do Concílio celebrado naquela cidade em 381. Nestes anos, é no estudo que se revela a sua paixão e a sua generosidade. Trata-se duma bendita inquietude, que o guia e torna incansável e apaixonado na investigação: «De vez em quando desesperava-me; várias vezes desisti; mas depois retomava pela obstinada decisão de aprender», levado pela «semente amarga» de tais estudos a colher «frutos saborosos».¹¹

Em 382, Jerónimo volta a Roma, colocando-se à disposição do Papa Dâmaso que, apreciando as suas grandes qualidades, faz dele seu estreito colaborador. Aqui Jerónimo empenha-se numa atividade incessante, sem esquecer a dimensão espiritual: no Aventino, graças ao apoio de mulheres da aristocracia romana desejosas de radicais opções evangélicas, como Marcela, Paula e sua filha Eustóquia, ele cria um cenáculo baseado na leitura e estudo rigoroso da Escritura. Jerónimo é exegeta, professor, guia espiritual. Neste período, empreende uma revisão das traduções latinas anteriores dos Evangelhos, e mesmo talvez doutrinas partes do Novo Testamento; continua o seu trabalho como tradutor de homilias e comentários das Escrituras de Orígenes, desdobra-se numa frenética atividade epistolar, discute publicamente com autores heréticos,

por vezes com excessos e rispidez, mas sempre movido sinceramente pelo desejo de defender a verdadeira fé e o depósito das Escrituras.

Este período intenso e fecundo interrompe-se com a morte do Papa Dâmaso. Vê-se forçado a deixar Roma e, seguido por amigos e algumas mulheres desejosas de continuar a experiência espiritual e de estudo bíblico iniciada, parte para o Egito – onde encontra o grande teólogo Dídimo o Cego – e depois a Palestina, acabando por se estabelecer definitivamente em Belém no ano 386. Retoma os seus estudos filológicos, ancorados aos lugares físicos que foram o cenário daquelas narrações.

A importância dada aos Lugares Santos é evidenciada não só pela escolha de morar na Palestina, de 386 até à morte, mas também pelo serviço a favor das peregrinações. Precisamente em Belém, lugar privilegiado para ele, junto da gruta da Natividade funda dois mosteiros «gêmeos», masculino e feminino, com hospedarias para o acolhimento dos peregrinos que vinham *ad loca sancta*, revelando a sua generosidade em hospedar as pessoas que chegavam àquela terra para ver e tocar os lugares da história da salvação, unindo assim a investigação cultural com a espiritual.¹²

Colocando-se à escuta na Sagrada Escritura, Jerónimo encontra-se a si mesmo, encontra o rosto de Deus e o dos irmãos, e apura a sua predileção pela vida comunitária. Daqui o seu desejo de viver com os amigos, como sucedia já no período de Aquileia, e fundar comunidades monásticas, enalçando o ideal cenobítico de vida religiosa que vê o mosteiro como «ginásio» onde formar pessoas «que, para ser a primeira de todas, se consideram inferiores a todas», felizes na pobreza e capazes de ensinar com o próprio estilo de vida. Na verdade, considera formativo viver «sob o governo de um único superior e na companhia de muitos» para aprender a humildade, a paciência, o silêncio e a mansidão, na consciência de que «a verdade não gosta dos cantos escuros, nem escolhe os murmuradores».¹³ Além disso, confessa «ansiar pelas pequenas celas do mosteiro, (...) desejar a solicitude das formigas, onde se trabalha juntos e nada há que seja propriedade duma pessoa, mas tudo é de todos».¹⁴

No estudo, Jerónimo encontra, não um deleite efêmero como fim em si mesmo, mas um exercício de vida espiritual, um meio para chegar a Deus; e, assim, a própria formação clássica dele ordena-se para um serviço mais maduro à comunidade eclesial. Pensemos na ajuda prestada ao Papa Dâmaso, no ensino que dedica às mulheres, especialmente do hebraico, desde o primeiro cenáculo no Aventino, a ponto de fazer entrar Paula e Eustóquia «nas lutas dos tradutores»¹⁵ e, coisa então inaudita, garantir-lhes a possibilidade de ler e cantar os Salmos na língua original.¹⁶

A sua é uma cultura colocada ao serviço dos outros, insistindo na necessidade dela para todo o evangelizador. Assim o recorda ao amigo Nepociano: «A palavra do sacerdote

deve ganhar sabor graças à leitura das Escrituras. Não quero que sejas um declamador ou um charlatão com muitas palavras, mas alguém que entenda a doutrina sagrada (*mysterii*) e conhece profundamente os ensinamentos (*sacramentorum*) do teu Deus. É típico dos ignorantes jogar com as palavras e ganhar a admiração do povo inexperiente com uma declamação rápida. Os desavergonhados muitas vezes explicam o que não conhecem e pretendem ser grandes peritos só porque conseguem persuadir os outros».¹⁷

Em Belém, Jerónimo vive – até à morte, em 420 – o período mais fecundo e intenso da sua vida, totalmente dedicado ao estudo da Escritura, empenhado na obra monumental da tradução de todo o Antigo Testamento a partir do original hebraico. Ao mesmo tempo, comenta os livros proféticos, os salmos, as obras paulinas; escreve subsídios para o estudo da Bíblia. O precioso trabalho recolhido nas suas obras é fruto de comparação e colaboração, desde copiar e agrupar manuscritos até à reflexão e debate: «Nunca me fiei das minhas próprias forças para estudar os livros divinos, (...) tenho o hábito de questionar-me mesmo sobre o que eu pensava saber e, com maior razão, sobre aquilo que não tinha certeza».¹⁸ Por isso, ciente das próprias limitações, pede apoio contínuo na oração de intercessão pelo bom sucesso da sua tradução dos textos sagrados «no mesmo Espírito com que foram escritos»¹⁹ sem se esquecer de traduzir também obras de autores indispensáveis ao trabalho exegetico, como Orígenes, para «colocar este material à disposição de quem deseja aprofundar os estudos científicos».²⁰

O estudo de Jerónimo aparece como um esforço realizado em comunidade e ao serviço da comunidade, modelo de sinodalidade também para nós, para os nossos dias e para as diferentes instituições culturais da Igreja, para que sejam sempre «um lugar onde o conhecimento se torna serviço, porque, sem conhecimento nascido da colaboração e resultando em cooperação, não há desenvolvimento humano genuíno e integral».²¹ O fundamento de tal comunhão é a Escritura, que não podemos ler sozinhos: «A Bíblia foi escrita pelo Povo de Deus e para o Povo de Deus, sob a inspiração do Espírito Santo. Somente com o «nós», isto é, nesta comunhão com o Povo de Deus podemos realmente entrar no núcleo da verdade que o próprio Deus nos quer dizer».²²

Aquela robusta experiência de vida, alimentada pela Palavra de Deus, faz com que Jerónimo, por meio duma intensa correspondência epistolar, se torne guia espiritual. Faz-se companheiro de viagem, convencido de que «não há arte que se aprenda sem mestre», como escreve a Rústico: isto mesmo «desejo faz-te compreender, tomando-te pela mão, como se eu fosse um marinheiro que, tendo já passado pela experiência de vários naufrágios, tenta instruir um navegante inexperiente».²³ A partir daquele pacífico recanto do mundo, acompanha a humanidade numa época de grandes convulsões, marcada por aconteci-

mentos como o saque de Roma, em 410, que o abalou profundamente.

As cartas confia as polémicas doutrinais, sempre na defesa da reta fé, revelando-se homem de relações, vividas com força e doçura, num envolvimento pleno, sem formas adocicadas, experimentando que «o amor não tem preço».²⁴ Vive os seus afetos assim com ímpeto e sinceridade. Este envolvimento nas situações em que vive e labuta constata-se também no facto de oferecer o seu trabalho de tradução e comentário como *munus amicitiae*. É um dom, em primeiro lugar, para os amigos, destinatários a quem dedica as suas obras pedindo-lhes que as leiam com um olhar mais benévolo do que crítico; e, depois, para os leitores, seus contemporâneos e de todos os tempos.²⁵

Gasta os últimos anos da sua vida na leitura orante, pessoal e comunitária, da Escritura, na contemplação, no serviço aos irmãos através das suas obras. E realiza tudo isto em Belém, junto da gruta onde o Verbo foi dado à luz pela Virgem, ciente de que «feliz é aquele que carregue no seu íntimo a cruz, a ressurreição, o lugar do nascimento e da ascensão de Cristo! Feliz é aquele que tem Belém no seu coração, em cujo coração nasce Cristo cada dia!».²⁶

A chave sapiencial do seu retrato

Para uma plena compreensão da personalidade de São Jerónimo, é necessário combinar duas dimensões características da sua existência de crente: por um lado, a consagração absoluta e rigorosa a Deus, renunciando a qualquer satisfação humana, por amor de Cristo crucificado (cf. *1 Cor 2, 2; Fl 3, 8.10*); por outro, o empenho assíduo no estudo, visando exclusivamente uma compreensão cada vez maior do mistério do Senhor. É precisamente este duplo testemunho, admiravelmente oferecido por São Jerónimo, que se propõe como modelo, antes de tudo, para os monges, a fim de encorajar quem vive de ascese e oração a dedicar-se ao labor assíduo da pesquisa e do pensamento; e, depois, para os estudiosos a fim de se recordarem que o conhecimento só é válido religiosamente se estiver fundado no amor exclusivo a Deus, no despojamento de toda a ambição humana e de toda a aspiração mundana.

Estas dimensões foram recebidas no campo da história da arte, onde é frequente a presença de São Jerónimo: grandes mestres da pintura ocidental deixaram-nos as suas representações. Poderíamos organizar as várias tipologias iconográficas segundo duas linhas distintas. Uma define-o sobretudo como monge e penitente, com um corpo macerado pelo jejum, retirado no deserto, de joelhos ou prostrado por terra, em muitos casos segurando uma pedra na mão direita para bater no peito e com os olhos voltados para o Crucifixo; coloca-se nesta linha a tocante obra-prima de Leonardo da Vinci conservada na Pinacoteca do Vaticano. Outra forma de representar Jerónimo é a que no-lo mostra nas vestes de estudioso, sentado à sua escriva-



Leonardo da Vinci
«São Jerônimo penitente» (1480)

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

ninha, empenhado a traduzir e comentar a Sagrada Escritura, rodeado de livros e pergaminhos, investido na missão de defender a fé através do pensamento e da escrita. Albrecht Dürer – para citar outro exemplo ilustre – representou-o mais de uma vez nesta postura.

Os dois aspetos evocados encontram-se reunidos na pintura de Caravaggio, na Galeria Borghese de Roma: com efeito, numa única cena, o idoso asceta é apresentado sumariamente coberto por um pano vermelho, tendo sobre a mesa uma caveira, símbolo da vaidade das realidades terrenas, mas ao mesmo tempo é poderosamente representada também a qualidade do estudioso, que conserva os olhos fixos no livro enquanto a sua mão, no ato característico do escritor, molha a pena no tinteiro.

De modo análogo – um modo que se poderia designar sapiencial –, devemos compreender o duplo perfil da trajetória biográfica de Jerônimo. Quando, como verdadeiro «Leão de Belém», exagerava nos tons, fazia-o em prol duma verdade da qual se considerava servidor incondicional. E, como ele próprio explica no primeiro dos seus escritos – *A Vida de São Paulo, Eremita de Tebas* –, os leões são capazes de «fortes rugidos», mas também de lágrimas.²⁷ Por isso, as duas fisionomias que aparecem justapostas na sua figura, na realidade, são elementos com os quais o Espírito Santo lhe permitiu maturar a sua unidade interior.

Amor à Sagrada Escritura

O traço peculiar da figura espiritual de São Jerônimo é, sem dúvida, o seu amor apaixonado à Palavra de Deus, transmitida à Igreja na Sagrada Escritura. Se todos os Doutores da Igreja – e de forma particular os da primeira época cristã – extraíram explicitamente da Bíblia os conteúdos do seu ensinamento, Jerônimo fez-lo de maneira mais sistemática e, de certa forma, única.

Nos últimos tempos, os exegetas descobriram a genialidade narrativa e poética da Bíblia, exaltada precisa-

mente pela sua qualidade expressiva; Jerônimo, ao contrário, destacava mais, na Escritura, o caráter humilde com que Deus Se revelou expressando-se na natureza áspera e quase primitiva da língua hebraica, quando comparada com o primor do latim ciceroniano. Portanto, não é por um gosto estético que ele se dedica à Sagrada Escritura, mas apenas – como é bem sabido – porque ela o leva a conhecer Cristo, pois a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo.²⁸

Jerônimo ensina-nos que não se hão de estudar apenas os Evangelhos, nem se deve comentar só a tradição apostólica presente nos Atos dos Apóstolos e nas Cartas, uma vez que todo o Antigo Testamento é indispensável para penetrar na verdade e na riqueza de Cristo.²⁹ As próprias páginas do Evangelho o atestam: falam-nos de Jesus como Mestre que, para explicar o seu mistério, recorre a Moisés, aos profetas e aos Salmos (cf. *Lc* 4, 16-21; 24, 27.44-47). Também nos Atos, a pregação de Pedro e Paulo radica-se emblematicamente nas antigas Escrituras; sem elas, não se pode compreender plenamente a figura do Filho de Deus, o Messias Salvador. O Antigo Testamento não deve ser visto como um amplo repertório de citações que demonstram o cumprimento das profecias na pessoa de Jesus de Nazaré; pelo contrário, e mais radicalmente, só à luz das «figuras» veterotestamentárias é possível conhecer em plenitude o sentido do evento de Cristo, que se realizou na sua morte e ressurreição. Daí a necessidade de redescobrir, na práxis catequética e na pregação bem como nos estudos teológicos, a contribuição indispensável do Antigo Testamento, que há de ser lido e assimilado como alimento precioso (cf. *Ez* 3, 1-11; *Ap* 10, 8-11).³⁰

A dedicação total de Jerônimo à Escritura manifesta-se numa forma de expressão apaixonada, semelhante à dos antigos profetas. É deles que o nosso Doutor extrai o fogo interior, que se torna palavra impetuosa e explosiva (cf. *Jr* 5, 14; 20, 9; 23, 29; *Ml* 3, 2; *Sir* 48, 1; *Mt* 3, 11; *Lc* 12, 49), necessária para expressar o zelo ardente do servidor pela causa de

Deus. Na esteira de Elias, de João Batista e também do apóstolo Paulo, a indignação de Jerônimo perante a mentira, a hipocrisia e as falsas doutrinas inflama o seu discurso, tornando-o provocatório e aparentemente rude. A dimensão polémica dos seus escritos compreende-se melhor, se for lida como uma espécie de cópia e atualização da mais autêntica tradição profética. Assim, Jerônimo é modelo de testemunho inflexível da verdade, que assume a severidade da censura para induzir à conversão. Na intensidade das frases e imagens, manifesta-se a coragem do servidor que deseja agradar, não aos homens, mas exclusivamente ao seu Senhor (cf. *Gl* 1, 10), por amor de quem gastou todas as suas energias espirituais.

O estudo da Sagrada Escritura

O amor apaixonado de São Jerônimo às divinas Escrituras está imbuído de obediência: antes de tudo, obediência a Deus, que Se comunicou em palavras que exigem escuta reverente³¹ e, conseqüentemente, obediência também a quantos na Igreja representam a tradição interpretativa viva da mensagem revelada. Entretanto a «obediência da fé» (*Rm* 1, 5; 16, 26) não é uma mera recepção passiva daquilo que é conhecido; mas exige o empenho ativo da investigação pessoal. Podemos considerar São Jerônimo um «servidor» da Palavra, fiel e diligente, inteiramente consagrado a favorecer nos seus irmãos de fé uma compreensão mais adequada do «depósito» sagrado que lhes foi confiado (cf. *1 Tm* 6, 20; *2 Tm* 1, 14). Sem compreender o que foi escrito pelos autores inspirados, a própria Palavra de Deus carece de eficácia (cf. *Mt* 13, 19) e o amor a Deus não pode brotar.

Ora, as páginas bíblicas nem sempre são imediatamente acessíveis. Como se diz em Isaías (29, 11), mesmo para quantos sabem «ler» – isto é, aqueles que receberam uma suficiente formação intelectual – o livro sagrado apresenta-se «selado», hermeticamente fechado à interpretação. Por isso, é necessário que intervenha uma testemunha habilitada para trazer a chave libertadora, a de Cristo Senhor, o único capaz de quebrar os selos e abrir o livro (cf. *Ap* 5, 1-10), para desvendar a prodigiosa efusão da graça (cf. *Lc* 4, 17-21). Aliás muitos, mesmo entre os cristãos praticantes, declaram-se abertamente incapazes de ler (cf. *Is* 29, 12), não por analfabetismo, mas por não estarem preparados para a linguagem bíblica, os seus modos de se expressar e as tradições culturais antigas, pelo que o texto bíblico resulta indecifrável, como se estivesse escrito num alfabeto desconhecido e numa língua enigmática.

Por isso, torna-se necessária a mediação do intérprete que exerça a sua função «diaconal», colocando-se ao serviço de quem não consegue compreender o sentido daquilo que foi escrito profeticamente. A figura que se pode evocar, a este respeito, é a do diácono Filipe, solicitado pelo Senhor para ir ao encontro do eunuco que, sentado no seu carro, está a

ler uma passagem de Isaías (53, 7-8), mas sem poder desvendar o seu significado. «Compreendes verdadeiramente o que estás a ler?»: pergunta Filipe; e o eunuco responde: «É como poderei compreender, sem alguém que me oriente?» (*At* 8, 30-31).³²

Jerônimo é o nosso guia, porque conduz cada leitor ao mistério de Jesus, como Filipe fez (cf. *At* 8, 35), e adota responsável e sistematicamente as mediações exegéticas e culturais necessárias para uma leitura correta e enriquecedora da Sagrada Escritura.³³ A competência nas línguas em que foi comunicada a Palavra de Deus, a análise e avaliação acuradas dos manuscritos, a investigação arqueológica exata, para além do conhecimento da história da interpretação, enfim todos os recursos metodológicos então disponíveis são utilizados por ele, de forma harmoniosa e erudita, em ordem a uma justa compreensão da Escritura inspirada.

Esta dimensão exemplar da atividade de São Jerônimo é muito importante também na Igreja de hoje. Se a Bíblia, conforme ensina a *Dei Verbum*, constitui «como que a alma da sagrada teologia»³⁴ e a espinha dorsal espiritual da prática religiosa cristã,³⁵ é indispensável que a ação de interpretar a Bíblia seja sustentada por específicas competências.

Para isso, servem certamente os centros especializados da investigação bíblica (como o *Pontifício Instituto Bíblico* de Roma e, em Jerusalém, a *Ecole Biblique* e o *Studium Biblicum Franciscanum*) e patrística (como o *Augustinianum* de Roma), mas também cada Faculdade de Teologia deve empenhar-se para que o ensino da Sagrada Escritura se encontre de tal modo programado que garanta aos alunos uma capacidade interpretativa competente, tanto na exegese dos textos como nas sínteses de teologia bíblica. Infelizmente, a riqueza da Escritura é ignorada ou minimizada por muitos, porque não lhes foram fornecidas as bases essenciais para o seu conhecimento. Por conseguinte, a par dum incremento dos estudos eclesiológicos, dirigidos a sacerdotes e catequistas, que proporcionem de forma mais adequada a competência na Sagrada Escritura, deve ser promovida uma formação alargada a todos os cristãos, para que cada um se torne capaz de abrir o livro sagrado e colher os seus frutos inestimáveis de sabedoria, esperança e vida.³⁶

Quero lembrar aqui o que o meu Predecessor deixou expresso na exortação apostólica *Verbum Domini*: «É possível compreender a sacramentalidade da Palavra através da analogia com a presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho consagrados. (...) Referindo-se à atitude que se deve adotar tanto em relação à Eucaristia como à Palavra de Deus, São Jerônimo afirma: «Lemos as Sagradas Escrituras. Eu penso que o Evangelho é o Corpo de Cristo; penso que as santas Escrituras são o seu ensinamento. E quando Ele fala em 'comer a minha carne e beber o meu sangue' (*Jó* 6,

«Scripturæ Sacræ affectus»

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 9

53), embora estas palavras se possam entender do Mistério [Eucarístico], todavia também a palavra da Escritura, o ensinamento de Deus, é verdadeiramente o corpo de Cristo e o seu sangue».³⁷

Infelizmente, em muitas famílias cristãs – ao contrário do que se prescreve na *Tórah* (cf. *Dt* 6, 6) –, não há ninguém que se sinta capaz de dar a conhecer aos filhos a Palavra do Senhor com toda a sua beleza e força espiritual. Por isso, quis instituir o Domingo da Palavra de Deus,³⁸ para encorajar a leitura orante da Bíblia e a familiaridade com a Palavra de Deus.³⁹ Assim todas as outras manifestações de religiosidade serão enriquecidas de sentido, orientadas segundo a hierarquia dos valores e dirigidas para o vértice da fé, ou seja, a plena adesão ao mistério de Cristo.

A Vulgata

O «fruto mais doce da árdua semelheira»⁴⁰ que foi o estudo do grego e do hebraico, feito por Jerónimo, é a tradução do Antigo Testamento em latim a partir do original hebraico. Até então, os cristãos do Império Romano podiam ler integralmente a Bíblia apenas em grego: quanto aos livros do Novo Testamento, foram escritos em grego; para os do Antigo, havia uma versão completa, a chamada *Septuaginta* (ou seja, a versão dos Setenta), feita pela comunidade judaica de Alexandria por volta do século II (a.c.). Mas, para os leitores de língua latina, não existia uma versão completa da Bíblia na sua língua; havia apenas algumas traduções, parciais e incompletas, feitas a partir do grego. Cabe a Jerónimo – e, depois dele, aos seus continuadores – o mérito de ter empreendido uma revisão e uma nova tradução de toda a Escritura. Tendo começado em Roma, com o encorajamento do Papa Dâmaso, a revisão dos Evangelhos e dos Salmos, depois, já no seu retiro em Belém, lançou-se à tradução de todos os livros veterotestamentários diretamente do hebraico; uma obra, que se prolongou por vários anos.

Na realização deste trabalho de tradução, Jerónimo pôs a render o seu conhecimento do grego e do hebraico, bem como a sua sólida formação latina, e serviu-se dos instrumentos filológicos que tinha à sua disposição, em particular as *Hexapla* de Orígenes. O texto final combinava a continuidade nas fórmulas já de uso comum com uma maior aderência ao ditame hebraico, sem sacrificar a elegância da língua latina. O resultado é um verdadeiro monumento que marcou a história cultural do Ocidente, modelando a sua linguagem teológica. Superadas algumas repulsas iniciais, a tradução de Jerónimo tornou-se imediatamente património comum tanto dos eruditos como do povo cristão: daí o nome de *Vulgata*.⁴¹ A Europa da Idade Média aprendeu a ler, rezar e raciocinar nas páginas da Bíblia traduzida por Jerónimo. «A Sagrada Escritura tornou-se, assim, uma espécie de “dicionário imenso” (P. Claudel) e de “atlas iconográfico” (M. Cha-

gall), onde foram beber a cultura e a arte cristã».⁴² A literatura, as artes e a própria linguagem popular inspiraram-se constantemente na versão jeronimiana da Bíblia, deixando-nos tesouros de beleza e devoção.

Reconhecendo este facto incontestável, o Concílio de Trento estabeleceu o caráter «autêntico» da Vulgata no decreto *Insuper*, prestando homenagem ao uso secular que a Igreja dela fizera e atestando o seu valor como instrumento para o estudo, a pregação e as controvérsias públicas.⁴³ Com isso, porém, não se procurava minimizar a importância das línguas originais, como aliás Jerónimo não cessava de lembrar, e muito menos proibir novos empreendimentos de tradução integral no futuro. São Paulo VI, assumindo o mandato dos Padres do Concílio Vaticano II, quis que o trabalho de revisão da tradução da Vulgata fosse concluído e colocado à disposição de toda a Igreja. E, em 1979, São João Paulo II, mediante a constituição apostólica *Scripturarum thesaurus*,⁴⁴ promulgou a edição típica chamada *Neovulgata*.

A tradução como inculturação

Com esta sua tradução, Jerónimo conseguiu «inculturar» a Bíblia na língua e cultura latinas, tornando-se esta operação um paradigma permanente para a ação missionária da Igreja. Na verdade, «quando uma comunidade acolhe o anúncio da salvação, o Espírito Santo fecunda a sua cultura com a força transformadora do Evangelho».⁴⁵ estabelecendo-se assim uma espécie de circularidade: se a tradução de Jerónimo é devedora à língua e à cultura dos clássicos latinos, cujos vestígios são bem visíveis, por sua vez ela, com a sua linguagem e o seu conteúdo simbólico e rico de imagens, tornou-se um elemento criador de cultura.

A obra de tradução de Jerónimo ensina-nos que os valores e as formas positivas de cada cultura constituem um enriquecimento para toda a Igreja. As várias maneiras, em que é anunciada, compreendida e vivida a Palavra de Deus em cada nova tradução, enriquecem a própria Escritura, pois esta, segundo a conhecida expressão de Gregório Magno, cresce com o leitor,⁴⁶ recebendo novas acentuações e tonalidades ao longo dos séculos. A inserção da Bíblia e do Evangelho nas diferentes culturas faz com que a Igreja se manifeste cada vez mais como «*sponsa ornata monilibus suis* – uma noiva que se adorna com as suas joias» (*Is* 61, 10). E simultaneamente atesta que a Bíblia precisa de ser constantemente traduzida nas categorias linguísticas e mentais de cada cultura e de cada geração, mesmo na cultura secularizada global do nosso tempo.⁴⁷

Foi lembrado, justamente, que é possível estabelecer uma analogia entre a tradução, enquanto ato de hospitalidade linguística, e outras formas de acolhimento.⁴⁸ Por isso, a tradução não é um trabalho que tem a ver unicamente com a linguagem, mas corresponde verdadeiramente a uma decisão ética mais ampla, que está ligada com a visão inteira da vida. Sem tradução, as diferentes co-

munidades linguísticas ver-se-iam impossibilitadas de comunicar entre si; fecharíamos as portas da história uns aos outros e negaríamos a possibilidade de construir uma cultura do encontro.⁴⁹ Com efeito, sem tradução, não se dá hospitalidade, antes pelo contrário, reforçam-se as ações de hostilidade. O tradutor é um construtor de pontes. Quantos juízos precipitados, quantas condenações e conflitos nascem do facto de ignorarmos a língua dos outros e de não nos aplicarmos, com tenaz esperança, a esta prova de amor infundável que é a tradução!

O próprio Jerónimo teve de se opor ao pensamento dominante do seu tempo. Se, nos alvares do Império Romano, era relativamente comum saber grego, já no tempo dele isso constituía uma raridade. E, contudo, ele tomou-se um dos melhores conhecedores da língua e literatura greco-cristãs e empreendeu uma viagem ainda mais árdua quando, sozinho, se dedicou ao estudo do hebraico. Se, como está escrito, «os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo»⁵⁰ pode-se dizer que devemos ao poliglottismo de São Jerónimo uma compreensão do cristianismo mais universal e, simultaneamente, mais coerente com as suas fontes.

Com a celebração do centenário da morte de São Jerónimo, o olhar volta-se para a vitalidade missionária extraordinária que se manifesta na tradução da Palavra de Deus em mais de três mil línguas. Muitos são os missionários, a quem se deve o precioso trabalho de publicação de gramáticas, dicionários e outros instrumentos linguísticos que proporcionam as bases para a comunicação humana e são um veículo para o «sonho missionário de chegar a todos».⁵¹ É necessário valorizar todo este trabalho e investir nele, contribuindo para a superação das fronteiras da incomunicabilidade e falta de encontro. Ainda há muito que fazer. Como foi dito, não existe entendimento sem tradução;⁵² não nos compreenderíamos a nós mesmos nem aos outros.

Jerónimo e a Cátedra de Pedro

Jerónimo teve sempre uma relação particular com a cidade de Roma: Roma é o porto espiritual aonde volta continuamente; em Roma, formou-se o humanista e forjou-se o cristão; ele é *homo romanus*. Esta ligação verifica-se, de modo muito peculiar, com a língua da cidade, o latim, de que foi mestre e cultor, mas verifica-se sobretudo com a Igreja de Roma, designadamente a Cátedra de Pedro. Embora anacronicamente, a tradição iconográfica retratou-o com a púrpura cardinalícia, para evidenciar a sua pertença ao presbitério de Roma junto do Papa Dâmaso. Foi em Roma que começou a revisão da tradução. E mesmo quando as invejas e incompreensões o forçaram a deixar a cidade, sempre permaneceu intensamente ligado à Cátedra de Pedro.

Para Jerónimo, a Igreja de Roma é o terreno fecundo onde a semente de Cristo produz fruto abundante.⁵³ Num período turbulento, em que a

túnica inconsútil da Igreja muitas vezes acaba dilacerada pelas divisões entre os cristãos, Jerónimo olha para a Cátedra de Pedro como ponto de referência seguro: «Eu, que não sigo mais ninguém senão Cristo, uno-me em comunhão com a Cátedra de Pedro. Eu sei que sobre esta pedra está edificada a Igreja». No meio das disputas com os arianos, escreve a Dâmaso: «Quem não junta contigo, desperdiça; quem não é de Cristo, é do anticristo».⁵⁴ Por isso, pode também afirmar: «Eu estou com todo aquele que estiver na cátedra de Pedro».⁵⁵

Jerónimo encontrou-se frequentemente envolvido em ásperas disputas pela causa da fé. O seu amor à verdade e a defesa ardente de Cristo talvez o tenham levado a algum excesso de violência verbal nas suas cartas e livros. Contudo o objetivo que guia a sua vida é a paz: «A paz, quero-a também eu; e não só a desejo, mas imploro-a! Entendo, porém, a paz de Cristo, a paz autêntica, uma paz sem resíduos de hostilidade, uma paz que não abrigue em si a guerra; não a paz que subjuga os adversários, mas a que nos une em amizade!».⁵⁶

O nosso mundo precisa, mais do que nunca, do remédio da misericórdia e da comunhão. Deixai-me repetir uma vez mais: ofereçamos um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e luminoso.⁵⁷ «Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (*Jó* 13, 35). Foi o pedido que Jesus fez ao Pai numa intensa oração: «Que todos sejam um só (...) em Nós e o mundo creia» (*Jó* 17, 21).

Amar o que Jerónimo amou

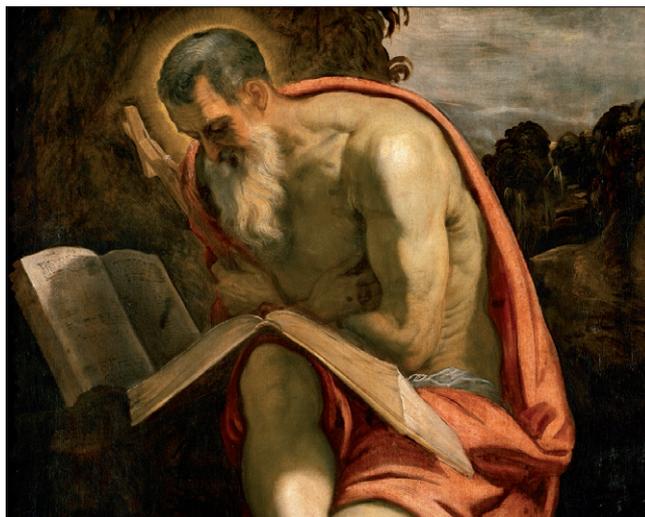
Ao concluir esta Carta, desejo fazer mais um apelo a todos. Entre muitos elogios feitos a São Jerónimo pelos seus vindouros, encontra-se este: não foi considerado simplesmente um dos maiores cultores da «biblioteca» de que se nutre o cristianismo ao longo dos tempos, a começar pelo tesouro da Sagrada Escritura, mas aplica-se-lhe aquilo que ele mesmo escreveu sobre Nepociano: «Com a leitura assídua e a meditação constante, fizera do seu coração uma biblioteca de Cristo».⁵⁸ Jerónimo não poupou esforços para enriquecer a sua biblioteca, vendo nela um laboratório indispensável para a compreensão da fé e para a vida espiritual; e, nisto, constitui um exemplo admirável também para o presente. Mas ele foi mais longe! O estudo não se limitou aos anos juvenis da formação, mas foi um compromisso constante, uma prioridade de cada dia da sua vida. Enfim, podemos dizer que ele assimilou uma biblioteca inteira e tornou-se dispensador de ciência para muitos outros. No século IV, Postumiano, que viajou pelo Oriente para descobrir movimentos monásticos, foi testemunha ocular do estilo de vida de Jerónimo, com quem viveu alguns meses, tendo-o descrito assim: «Encontra-se todo embebido na leitura, todo embebido nos livros; não descansa de dia nem de noite; sempre está a ler ou a escrever qualquer coisa».⁵⁹

CONTINUA NA PÁGINA 11

«Scripturæ Sacræ Affectus»

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 10

A propósito, penso muitas vezes na experiência que pode fazer hoje um jovem quando entra numa livraria da sua cidade ou num site da Internet e procura lá o sector dos livros religiosos. Quando existe, na maioria dos casos trata-se de um sector que não só é marginal, mas carece de obras substanciais. Examinando aquelas estantes ou as páginas em rede, dificilmente um jovem poderia compreender como a investigação religiosa seja uma aventura apaixonante que um pensamento e coração; como a sede de Deus tenha inflamado grandes mentes no decurso dos séculos até hoje; como o amadurecimento da vida espiritual tenha contagiado teólogos e filósofos, artistas e poetas, historiadores e cientistas. Um dos problemas atuais – e não só da religião – é o analfabetismo: faltam as habilitações hermenêuticas que nos tornem intérpretes e tradutores credíveis da nossa própria tradição cultural. De forma especial aos jovens, quero lançar um desafio: parti à procura da vossa herança. O cristianismo torna-vos herdeiros dum património cultural insuperável, do qual deveis tomar posse. Apaixonai-vos por esta história, que é vossa. Tende a ousadia de fixar o olhar naquele jovem inquieto que foi Jerónimo; ele, como a personagem da parábola de Jesus, vendeu tudo



Tintoretto, «São Jerónimo no deserto»

quanto possuía para comprar a «pérola de grande valor» (Mt 13, 46).

Verdadeiramente Jerónimo é a «Biblioteca de Cristo», uma biblioteca perene que, passados dezasseis séculos, continua a ensinar-nos o que significa o amor de Cristo, um amor inseparável do encontro com a sua Palavra. Por isso, o centenário

atual constitui um apelo a amar o que Jerónimo amou, redescobrimo os seus escritos e deixando-se tocar pelo impacto dum espiritualidade que se pode descrever, no seu núcleo mais vital, como o desejo inquieto e apaixonado dum conhecimento maior do Deus da Revelação. Como podemos deixar de ouvir, em nossos

dias, aquilo a que Jerónimo instiga sem cessar os seus contemporâneos: «Lede com muita frequência as divinas Escrituras; aliás, que o Livro Sagrado nunca seja deposto das vossas mãos?»⁶⁰

Exemplo luminoso é a Virgem Maria, evocada por Jerónimo sobretudo na sua maternidade virginal, mas também na sua atitude de leitora orante da Escritura. Maria meditava no seu coração (cf. Lc 2, 19-51) «porque era santa e lera a Sagrada Escritura, conhecia os profetas e lembrava-se do que o anjo Gabriel Lhe anunciara e fora vaticinado pelos profetas (...), via o recém-nascido que era seu filho, o seu único filho que jazia e chorava naquele presépio, mas verdadeiramente a quem Ela via ali deitado era o Filho de Deus. O que Ela via comparava-o com quanto lera e ouvira».⁶¹ Confie-mo-nos a Ela, que pode, melhor do que ninguém, ensinar-nos como ler, meditar, rezar e contemplar a Deus que Se faz presente na nossa vida, sem nunca Se cansar.

Roma, em São João de Latrão, na Memória litúrgica de São Jerónimo, 30 de setembro do ano 2020, oitavo do meu pontificado.

Franciscus

¹ «Deus qui beato Hieronymo presbitero suavem et vivum Scripturæ Sacræ affectum tribuisti, da, ut populus tuus verbo tuo uberius alatur et in eo fontem vitæ inveniet – Ó Deus, que destes ao presbítero São Jerónimo um terno e vivo afeto à Sagrada Escritura, fazei que o vosso povo se alimente cada vez mais com a vossa palavra e encontre nela a fonte da vida»: Oração Coleta da Missa de São Jerónimo, *Missale Romanum*, editio typica tertia (Cidade do Vaticano 2002).

² São Jerónimo, *Epistula* 22, 30: CDEL 54, 190.

³ Cf. *AAS* 12 (1920), 385-423.

⁴ Audiências Gerais de 7 e 14 de novembro de 2007: *Insegnamenti*, III/2 (2007), 553-556; 586-591.

⁵ Cf. Sínodo dos bispos – XII assembleia geral ordinária, *Mensagem ao Povo de Deus* (24 de outubro de 2008).

⁶ Cf. *AAS* 102 (2010), 681-787.

⁷ São Jerónimo, *Chronicum* 374: PL 27, 697-698.

⁸ *Idem*, *Epistula* 125, 12: CSEL 56, 131.

⁹ Cf. *Epistula* 122, 3: CSEL 56, 63.

¹⁰ Cf. Francisco, *Homilia na Missa matutina* (10 de dezembro de 2015). A história é contada por A. Louf, *Sotto la guida dello Spirito* (Qiqajon, Magnano-BI 1990), 154-155.

¹¹ São Jerónimo, *Epistula* 125, 12: CSEL 56, 131.

¹² Cf. Bento XVI, Exort. ap. pós-sinodal *Verbum Domini*, 89: *AAS* 102 (2010), 761-762.

¹³ São Jerónimo, *Epistula* 125, 9.15.19: CSEL 56, 128.133-134.139.

¹⁴ *Idem*, *Vita Malchi monachi captivi* 7, 3: PL 23, 59-60; ou então B. Degórski (ed.), *Opere storiche e agiografiche*, vol. XV da coletânea «Opere di San Girolamo» (Città Nuova, Roma 2014), 196-199.

¹⁵ São Jerónimo, *Praef. Esther*, 2: PL 28, 1505.

¹⁶ Cf. *Idem*, *Epistula* 108, 26: CSEL 55, 344-345.

¹⁷ *Idem*, *Epistula* 52, 8: CSEL 54, 428-429; cf. Bento XVI, Exort. ap. pós-sinodal *Verbum Domini*, 60: *AAS* 102 (2010), 739.

¹⁸ São Jerónimo, *Praef. Paralipomenon LXX*, 1.10-15: Sch 592, 340.

¹⁹ São Jerónimo, *Praef. in Pentateuchum*: PL 28, 184.

²⁰ *Idem*, *Epistula* 80, 3: CSEL 55, 105.

²¹ Francisco, *Mensagem por ocasião da XXIV Sessão Pública solene das Academias Pontifícias* (4 de dezembro de 2019): *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 10/XII/2019), 16.

²² Bento XVI, Exort. ap. pós-sinodal *Verbum Domini*, 30: *AAS* 102 (2010), 709.

²³ São Jerónimo, *Epistula* 125, 15-2: CSEL 56, 133.

²⁴ *Idem*, *Epistula* 3, 6: CSEL 54, 18.

²⁵ Cf. São Jerónimo, *Praef. Josue* 1, 9-12: Sch 592, 316.

²⁶ São Jerónimo, *Homilia in Psalmum* 95: PL 26, 1181; ou então A. Capone (ed.), 59 *Omelie sui Salmi* (1-115), vol. IX/1 da coletânea «Opere di San Girolamo» (Città Nuova, Roma 2018), 357.

²⁷ *Idem*, *Vita S. Pauli primi eremita*, 16, 2: PL 23, 28; ou então B. Degórski (ed.), *Opere storiche e agiografiche*, vol. XV da coletânea «Ope-

re di San Girolamo» (Città Nuova, Roma 2014), 111.

²⁸ Cf. São Jerónimo, *In Isaiam Prol.*: PL 24, 17; ou então R. Maisano (ed.), *Commento a Isaia* (1-4), vol. IV/1 da coletânea «Opere di San Girolamo» (Città Nuova, Roma 2013), 52-53.

²⁹ Cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Dei Verbum*, 14.

³⁰ Cf. *ibidem*.

³¹ Cf. *ibid.*, 7.

³² Cf. São Jerónimo, *Epistula* 53, 5: CSEL 54, 451; ou então S. Cola (ed.), *Le Lettere*, vol. II da coletânea «Opere di San Girolamo» (Città Nuova, Roma 1997), 54.

³³ Cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Dei Verbum*, 12.

³⁴ *Ibid.*, 24.

³⁵ Cf. *ibid.*, 25.

³⁶ Cf. *ibid.*, 21.

³⁷ N. 56. A citação de São Jerónimo encontra-se *In Psalmum* 147: CCL 78, 337-338; ou então A. Capone (ed.), 59 *Omelie sui Salmi* (119-149), vol. IX/2 da coletânea «Opere di San Girolamo» (Città Nuova, Roma 2018), 171.

³⁸ Cf. Carta ap. sob forma de motu proprio *Aperuit illis* (30 de setembro de 2019).

³⁹ Cf. Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 152; 175: *AAS* 105 (2013), 1083-1084; 1093.

⁴⁰ São Jerónimo, *Epistula* 52, 3: CSEL 54, 417.

⁴¹ Cf. Bento XVI, Exort. ap. pós-sinodal *Verbum Domini*, 72: *AAS* 102 (2010), 746-747.

⁴² São João Paulo II, *Carta aos artistas* (4 de abril de 1999), 5: *AAS* 91 (1999), 1159-1160.

⁴³ Cf. Denzinger-Schönmetzer, *Enchiridion Symbolorum*, 1506.

⁴⁴ Publicada em 25 de abril de 1979; cf. *AAS* 71 (1979), 557-559.

⁴⁵ Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 116: *AAS* 105 (2013), 1068.

⁴⁶ Cf. *Hom. in Ezech.* 1, 7: PL 76, 843D.

⁴⁷ Cf. Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 116: *AAS* 105 (2013), 1068.

⁴⁸ Cf. P. Ricœur, *Sur la traduction* (Bayard, Paris 2004).

⁴⁹ Cf. Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 24: *AAS* 105 (2013), 1029-1030.

⁵⁰ L. Wittgenstein, *Tractatus logico-philosophicus*, 5.6.

⁵¹ Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 31: *AAS* 105 (2013), 1033.

⁵² Cf. G. Steiner, *After Babel. Aspects of language and translation* (Oxford University Press, New York 1975).

⁵³ Cf. São Jerónimo, *Epistula* 15, 1: CSEL 54, 63.

⁵⁴ *Idem*, *Epistula* 15, 2: CSEL 54, 62-64.

⁵⁵ *Idem*, *Epistula* 16, 2: CSEL 54, 69.

⁵⁶ *Idem*, *Epistula* 82, 2: CSEL 55, 109.

⁵⁷ Cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 99: *AAS* 105 (2013), 1061.

⁵⁸ São Jerónimo, *Epistula* 60, 10: CSEL 54, 561.

⁵⁹ Sulpicius Severus, *Dialogus* 1, 9, 5: Sch 510, 136-138.

⁶⁰ São Jerónimo, *Epistula* 52, 7: CSEL 54, 426.

⁶¹ *Idem*, *Homilia de nativitate Domini* IV: PL Suppl. 2, 191.

Na tarde de 26 de setembro, o Papa Francisco celebrou a missa no altar da Catedral da Basílica de São Pedro, com o Corpo da Gendarmaria, por ocasião da festa do santo padroeiro, São Miguel Arcanjo. Eis a homilia improvisada pelo Sumo Pontífice.

As Leituras deste domingo falam-nos da conversão. Conversão do coração; conversão significa “mudar de vida”, ou seja, o coração que não segue um bom caminho deve encontrar um bom caminho.

Mas não se trata apenas da nossa conversão: é também a conversão de Deus. «Mas, convertendo-se o ímpio da impiedade que cometeu – ouvimos na primeira Leitura – e procedendo com retidão e justiça, conservará viva a sua alma. E refletindo, converter-se-á de todas as transgressões que cometeu; assim, certamente viverá» (Ez 18, 27-28). O malvado converte-se. Digamos mais facilmente: o pecador converte-se e Deus também se converte ao pecador. O encontro com Deus, a conversão, existe em ambos os lados; ambos procuram encontrar-se. O perdão não consiste só em ir, bater à porta e dizer: “Perdoa-me”, e pelo intercomunicador respondem: “Perdoe-te. Vai-te embora!”. O perdão é sempre um abraço de Deus. Mas Deus ca-



Missa do Pontífice para o Corpo da Gendarmaria

A vossa autoridade consiste no serviço

minha, como nós caminhamos, para se encontrar conosco.

Este é o perdão de Deus, o modo de se converter. “Mas como posso eu ir ter com Deus? Sou tão pecador!”. É isto que Deus quer: que vós, que vós ao seu encontro. O que fez o pai do filho pródigo? – Aquelle que saiu com o dinheiro e gastou a sua fortuna em vícios – O que fez o pai? Quando viu o filho chegar –

porque o filho sentia que devia voltar para o seu pai; tinha que voltar por necessidade, mas de qualquer modo o filho deu o passo – o pai, que estava no terraço, desceu imediatamente e foi ao seu encontro. Não o esperou à porta apontando o dedo, mas abraçou-o! E quando o filho lhe pediu perdão, o abraço fechou-lhe a boca. Esta é a conversão. Este é o amor de Deus. É um caminho de encontro mútuo.

E sobre isto gostaria de salientar: um coração sempre aberto ao encontro com Deus – esta é a conversão, estar aberto ao encontro com Deus – qual é o modelo? O modelo é o do Evangelho, do rico, do pobre, o modelo é Jesus Cristo. Ele veio ao nosso encontro. Ouvimos a segunda Leitura: «Que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus que, sendo de condição divina – Jesus era Deus – não considerou um privilégio ser como Deus – ou seja, permanecer ali – mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo, fazendo-se semelhante aos homens; [...] humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz» (Fl 2, 5-8).

O caminho da conversão é aproximar-se, é a proximidade, mas trata-se de uma proximidade que consiste no serviço. Esta palavra leva-me a dirigir-me a vós, caros irmãos Gendarmes. Cada vez que vos aproximardes para servir, imitai Jesus Cristo. Cada vez que derdes um passo para resolver uma questão, pensai que prestais um serviço, que fazeis uma conversão, a qual é um serviço. E segundo o vosso modo de agir, fazeis o bem aos outros. É por isto que vos agradeço. O vosso serviço é uma dupla conversão: uma conversão vossa – como a de Jesus Cristo – deixar as comodidades, deixar... “Vou servir”; e a outra conversão, a do próximo, que no início não se sente castigado, mas ouvido, corrigido, com a humildade de Jesus. Por isso, Jesus pede-vos que sejais como

Ele: fortes, disciplinados, mas humildes e servidores.

Uma vez ouvi um idoso que, falando do filho que reprendia os próprios filhos, dizia: “O meu filho não compreendeu que todas as vezes que reprende os filhos, perde a autoridade”. A vossa autoridade consiste no serviço: estabelecer limites, fazer com que as coisas aconteçam, mas no serviço, na caridade, na amabilidade. E esta é uma grande vocação. Para mim seria muito triste se alguém me dissesse: “Não, o vosso Corpo da Gendarmaria... são empregados, empregados que cumprem o horário e depois não se interessam...”. Não, não! Este não é o modo de converter, nem de levar os outros a converter-se. O vosso caminho é o serviço, como o pai que vai ao encontro do filho, como o irmão que vê algo e diz: “Não, isto não se pode fazer, isto não é bom”. O caminho é este, mas dito com o coração, com humildade, com proximidade.

A Bíblia diz, no Evangelho, que Jesus estava sempre com os pecadores, também com os malfeitores, mas eles sentiam-se próximos de Jesus, não se sentiam julgados. Contudo, Jesus nunca disse uma mentira, uma falsidade. Não: “Esta é a verdade, este é o caminho”. Mas dizia-o com bondade, com o coração, como um irmão.

Obrigado pelo vosso serviço. Obrigado, porque vejo que o vosso serviço segue este caminho. Por vezes alguém pode deslizar um pouco, mas na vida quem não desliza? Todos! Mas levantemo-nos: “Não me comportei bem, mas agora...”. É preciso retomar sempre este caminho para a conversão das pessoas e também para a própria conversão. No serviço nunca se erra, porque o serviço é amor, é caridade, é proximidade. O serviço é o caminho que Deus escolheu em Jesus Cristo para nos perdoar, para nos converter.

Obrigado por este vosso serviço, e continuai sempre com esta proximidade humilde mas forte que Jesus Cristo nos ensinou. Obrigado!

Audiência geral de 30 de setembro

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5

sustentável resolva os nossos problemas. Não o fez nem o fará, pois não o pode fazer, apesar de alguns falsos profetas continuarem a prometer “o efeito dominó” que nunca chega (“Trickle-down effect” em inglês, “derrame” em espanhol (cf. *Evangelii gaudium*, 54). Ouvistes o teorema do copo: o importante é que o copo se encha e assim depois cai sobre os pobres e sobre os demais, e recebem riquezas. Mas há um fenómeno: o copo começa a encher-se e quando está quase cheio, cresce, cresce e cresce mas nunca acontece o efeito dominó. Deve-se ter cuidado.

Precisamos de trabalhar urgentemente para gerar boas políticas, para conceber sistemas de organização social que recompensem a participação, o cuidado e a generosidade, e não a indiferença, a exploração e os interesses particulares. Devemos ir em frente com ternura. Uma sociedade solidária e equitativa é uma sociedade mais saudável. Uma sociedade participativa – onde os “últimos” são considerados os “primeiros” – fortalece a comunhão. Uma sociedade onde a diversidade é respeitada é muito mais resistente a qualquer tipo de vírus.

Coloquemos este caminho de cura sob a proteção da Virgem Maria, Nossa Senhora da Saúde. Ela, que carregou Jesus no seu ventre, nos ajude a ter confiança. Animados pelo Espírito Santo, poderemos trabalhar juntos para o Reino de Deus que Cristo inaugurou, vindo até nós, neste mundo. É um Reino de luz no meio da escuridão, de justiça no meio de tantos ultrajes, de alegria no meio de tanta dor, de cura e salvação no meio da doença e da morte, de ternura no meio do ódio. Que Deus nos conceda “viralizar” o amor e globalizar a esperança à luz da fé.

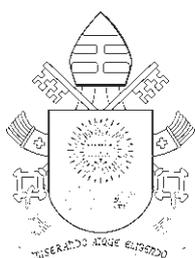
No final da catequese o Santo Padre saudou em várias línguas os fiéis, dirigindo aos de língua portuguesa as seguintes palavras.

Dirijo uma cordial saudação aos fiéis de língua portuguesa. Hoje celebramos a memória de São Jerónimo que nos lembra que a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo. Queridos amigos, de bom grado fazei da Bíblia o alimento diário do vosso diálogo com o Senhor, assim vos convertereis em colaboradores sempre mais disponíveis para trabalhar pelo Reino que Jesus inaugurou neste mundo. Que Deus vos abençoe a vós e a vossos entes queridos!

Mensagem do Papa por ocasião do centenário da aprovação canônica da congregação de São Miguel Arcanjo

À escuta das crianças e dos jovens descartados da sociedade

Uma exortação a dar continuidade às «obras a favor das crianças» e dos jovens «pobres e abandonados» foi dirigida pelo Santo Padre à congregação de São Miguel Arcanjo, que celebra o centenário da sua aprovação canônica. Publicamos em seguida o texto da mensagem enviada para esta circunstância ao superior-geral e divulgada no dia 27 de setembro, na qual Francisco recordou o vínculo que unia o fundador, beato Bronislau Markiewicz, a dom Bosco.



Ao Reverendo Padre
DARIUSZ WILK, C.S.M.A.
Superior-Geral da Congregação
de São Miguel Arcanjo

Desejo unir-me espiritualmente a si e aos Irmãos, em vista do Centenário da aprovação desta Congregação que vos preparais para celebrar mediante um Ano jubilar. Esta circunstância significativa oferece-me a oportunidade de me unir à vossa ação de graças ao Senhor pelas maravilhas por Ele levadas a cabo através da obra do vosso Instituto. Ao mesmo tempo, desejo encorajar-vos a continuar a trilhar com convicção, alegria e renovada fidelidade o caminho traçado pelo Fundador, Beato Bronislau Markiewicz. Tal como o evangélico grão de mostarda, lançado ao solo, cresce até se tornar uma árvore frondosa e abrigo para os pássaros do céu (cf. *Lc 13, 18-19*), assim a obra deste zeloso sacerdote da Diocese de Przemyśl, semeada primeiro na terra da Polónia, continua a dar frutos, através do vosso serviço, em numerosos países espalhados pelos vários Continentes.

A Providência Divina plantou esta semente na vida do Padre Markiewicz, que primeiro a cultivou mediante a experiência de vida religiosa na Congregação salesiana e na sua amável relação direta com São João Bosco. Regressando para a Itália para a Polónia como primeiro salesiano, deu continuidade à sementeira através das obras a favor das crianças pobres e abandonadas, reunindo ao seu redor homens e mulheres, colaboradores do primeiro núcleo dos ramos masculino e feminino das futuras Congregações de São Miguel Arcanjo. Faleceu em 1912, alguns anos antes que o Instituto religioso, por ele tão desejado, fosse oficialmente aprovado a 29 de setembro de 1921 pelo então Arcebispo de Cracóvia, Adam Stefan Sapieha. No entanto, o legado espiritual do Fundador foi vivido com ardor apostólico

pelos seus filhos durante estes cem anos, adaptando-o sabiamente à realidade e às renovadas urgências pastorais, inclusive à custa do dom supremo da vida, como foi testemunhado pelo martírio dos vossos Beatos Ladislau Bładziński e Adalberto Nierychlewski.

O vosso carisma, atual comonunca, caracteriza-se pela solicitude para com as crianças pobres, órfãs e abandonadas, não desejadas por ninguém e muitas vezes consideradas descartes da sociedade. Enquanto me regozijo por tudo o que fizestes ao longo destas décadas a favor das crianças abandonadas, convido-vos a continuar com entusiasmo renovado o vosso compromisso educativo em prol daqueles que muitas vezes ninguém quer acolher nem defender, mediante escolas, oratórios, lares de acolhimento, estruturas de hospitalidade e outras realidades assistenciais e formativas. A educação humana e cristã, especialmente em benefício dos pobres e em lugares onde, por vários motivos, ela é carente e deixa de ser adequadamente garantida pela sociedade, constitui o maior dom que ainda hoje sois chamados a oferecer às crianças e aos jovens ignorados. Eles precisam continuamente de formadores que os orientem com amor paterno e bondade evangélica

no crescimento humano e religioso. A tal respeito, aprez-me recordar as palavras com que o vosso Fundador resumia a sua missão: «Gostaria de reunir milhões de crianças órfãs de todas as nações e raças para as conduzir a Deus» (*Carta à Madre Isabel*, 11 de abril de 1910, in: *Epistulae*, v, p. 91).

Hoje, os mais necessitados assumem o rosto não apenas de quantos vivem na carência material, mas são frequentemente escravos dos condicionamentos e dependências modernos. Por isso, o vosso Instituto é chamado a dedicar todo o cuidado e atenção às realidades juvenis e sociais expostas ao perigo do mal e do afastamento de Deus. Outro importante campo de apostolado que cultivais, e que vos exorta a continuar, é o cuidado pastoral através da palavra impressa. A Editora *Michalineum* e as duas revistas: *Temperanza e Lavoro* ("Temperança e Trabalho") e *Chi come Dio* ("Quem como Deus"), não são somente a herança do Fundador, mas preciosos meios de comunicação social que, adaptados às necessidades do presente e enriquecidos pelas tecnologias modernas, podem alcançar muitos, dando frutos de bem na mente e na consciência das pessoas.

Neste vosso Ano jubilar, cada um de vós possa colocar-se docilmente à escuta do Espírito Santo, deixando-se plasmado por Ele, a fim de renovar a necessária comunhão fraterna, em vista de uma missão cada vez mais fecunda. Não vos canseis de ouvir o "brado" que as crianças e os jovens indefesos trazem impresso nos seus olhos, tornando-se para eles portadores de esperança e de futuro. Não vos esqueçais que «Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofridora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem que nos mantenhamos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contacto com a vida concreta dos outros e de conhecermos a força da ternura» (*Evangelium gaudium*, 270). Vivendo assim, sereis verdadeiras testemunhas de Cristo e defensores dos homens. Os tempos atuais precisam de pessoas consagradas que saibam olhar cada vez mais para as necessidades dos últimos, que não tenham medo de cumprir o carisma dos seus Institutos nos modernos hospitais de campo.

Para alcançar esta finalidade apostólica é necessário ser homens de comunhão, superar as fronteiras, construir pontes e derubar os muros da indiferença. No itinerário de uma renovada fidelidade ao carisma, não deixeis de fazer referência às palavras que, ao longo destes cem anos, iluminaram o caminho da vossa benemérita Congregação: o grito vitorioso de São Miguel Arcanjo, «Quem como Deus!», que preserva o homem do egoísmo, e o princípio de «Temperança e trabalho», que indica as modalidades a seguir no cumprimento do vosso carisma. A coerência de vida inspirada por estes valores tornará credível e atraente a vossa obra apostólica, suscitando inclusive novas vocações. Nesta ótica, faço votos a fim de que a vossa Família religiosa possa continuar a propagar o apostolado de São Miguel Arcanjo, poderoso vencedor das forças do mal, vendo nisto uma grande obra de misericórdia para a alma e para o corpo.

Resplandeça nos vários campos do vosso serviço eclesial a adesão fiel a Cristo e ao seu Evangelho. A Virgem Santa e o Arcanjo Miguel vos protejam e sejam guias seguros no caminho da vossa Congregação, para que ela possa cumprir todos os seus projetos de bem. Com estes votos, enquanto asseguro a minha recordação na oração por cada um de vós e pelas iniciativas do vosso Ano jubilar, concedo-vos de coração a minha Bênção, que de bom grado estendo a quantos encontrardes no vosso apostolado de todos os dias.

Roma, São João de Latrão,
29 de julho de 2020.

Franciscus



Guercino, «São Miguel Arcanjo» (1664)

Discurso à Inspeção de segurança pública do Vaticano

Sinal da colaboração frutuosa entre a Itália e a Santa Sé

«Um caminho no sinal da colaboração frutuosa entre a Itália e a Santa Sé»: assim o Papa definiu os 75 anos de atividade da Inspeção de segurança pública do Vaticano, recebendo — na manhã de 28 de setembro, na sala Paulo VI — dirigentes, funcionários e agentes, com os seus familiares.

Estimados irmãos e irmãs!

Sinto-me feliz por me encontrar com a grande família da *Inspeção de Segurança Pública "Vaticano"*, que comemora o seu 75º aniversário de instituição. Saúdo-vos a todos com afecto: Dirigentes, Funcionários, Agentes, com os vossos familiares. Dirijo um deferente pensamento ao Ministro do Interior, a quem agradeço as suas palavras, bem como ao Chefe da Polícia. E também gostaria de vos agradecer porque foi agradável para mim entrar na sala com a nostalgia do outono de Buenos Aires [refere-se a uma peça musical tocada pela Banda da Polícia]. Obrigado!

Ao recordar a fundação desta Inspeção, espontaneamente dou graças ao Senhor pelos 75 anos de história e pelo trabalho de tantos homens e mulheres da Polícia Estatal Italiana. Na sequência da profunda ligação que existe entre a Santa Sé e a Itália, levaram a cabo, com competência e paixão, uma missão que tem origem nos Pactos de Latrão, de 1929. Com efeito, sancionando o nascimento do Estado da Cidade do Vaticano, estes acordos previram um

regime peculiar para a Praça de São Pedro, com livre acesso para peregrinos e turistas, sob a vigilância das autoridades italianas.

Olhando para o passado, pode-se ver que a origem da Inspeção de Segurança Pública "Vaticano" se insere num contexto de precariedade e de emergência nacional, quando as forças políticas e sociais estavam empenhadas na retomada democrática. Em março de 1945, concretizou-se o projeto de dar autonomia e configuração jurídica a este serviço de polícia. O Ministério do Interior, guiado pelo próprio Presidente do Conselho de Ministros, Ivanoe Bonomi, instituiu o *Gabinete Especial de Segurança Pública "São Pedro"*.

Deste modo, reforçou-se e tornou-se mais eficaz o serviço que as forças de polícia há muito tempo prestavam na Praça de São Pedro e nas áreas próximas do Vaticano. A ocupação de Roma por parte das tropas alemãs em 1943 tinha criado muitas dificuldades e preocupações: surgiu o problema do respeito dos soldados alemães pela neutralidade e soberania da Cidade do Vaticano, assim como pela pessoa do Papa. Durante nove meses, a fronteira entre o Estado italiano e a Cidade do Vaticano, traçada no chão da Praça de São Pedro, foi um lugar de tensões e de temores. Os fiéis não podiam aceder facilmente à Basílica para rezar, e por isso muitas pessoas desistiam.



Finalmente, a 4 de junho de 1944 Roma foi libertada, mas a guerra deixou feridas profundas nas consciências, escombros nas ruas, pobreza e sofrimento nas famílias. O fruto da guerra é este! Os romanos e os peregrinos que podiam chegar à capital, afluíam cada vez mais numerosos a São Pedro também para manifestar gratidão ao Papa Pio XII, proclamado *"defensor Civitatis"*. Assim, o novo Gabinete da Polícia do Estado junto do Vaticano foi capaz de responder adequadamente às novas exigências e de prestar um serviço importante tanto à Itália como à Santa Sé.

Desde o dia da instituição deste Departamento, que gradualmente as-

sumiu outras denominações até à atual, percorreu-se um caminho em sinal de colaboração frutuosa entre a Itália e a Santa Sé, e entre a Inspeção e os organismos do Vaticano responsáveis pela ordem pública e pela segurança do Papa. Embora os cenários nacionais e internacionais e os requisitos de segurança tenham mudado, não se alterou o espírito com que os homens e as mulheres da Inspeção implementaram o seu apreciado trabalho.

Estimados Funcionários e Agentes, muito obrigado pelo vosso serviço valioso, caracterizado pela diligência, profissionalismo e espírito de sacrifício. Acima de tudo, admiro a paciência que exercitais ao lidar com pessoas de diferentes origens e culturas e — ousado dizer — ao lidar com os sacerdotes! A minha gratidão estende-se também ao vosso compromisso de me acompanhar nos meus deslocamentos em Roma e durante as visitas a dioceses ou comunidades na Itália. Uma tarefa difícil, que requer discernimento e equilíbrio, para assegurar que os itinerários do Papa não percam o seu caráter específico de encontro com o Povo de Deus. Mais uma vez, estou-vos grato por tudo isto.

Que a *Inspeção de Segurança Pública "Vaticano"* continue a trabalhar de acordo com a sua história luminosa, sabendo haurir dela frutos novos e abundantes. Estou certo de que trabalhar neste lugar é uma lembrança constante dos valores mais elevados: dos valores humanos e espirituais que devem ser acolhidos e testemunhados todos os dias. Espero que a vossa labuta, muitas vezes dessempanhada com sacrifício e risco, seja animada por uma fé cristã viva: é o tesouro espiritual mais precioso que as vossas famílias vos confiaram e que sois chamados a transmitir aos vossos filhos.

Que o Senhor vos recompense, como só Ele sabe fazer. Que o vosso padroeiro São Miguel Arcanjo vos proteja e que a Virgem Santa vele sobre vós e as vossas famílias. E vos acompanhe também a minha Bênção. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!

Madre Maria Luísa Velotti beatificada em Nápoles

Santidade periférica

«A maturidade social expressa pela beata Maria Luísa Velotti do Santíssimo Sacramento no século XIX, na difícil realidade napolitana, numa das periferias onde a Igreja ainda hoje é chamada a dar testemunho da vida boa do Evangelho, é atual porque ainda existem muitas periferias geográficas mas também existenciais — tão queridas ao Santo Padre Francisco — que precisam de um testemunho cristão vivo e eficaz». Eis o retrato da nova beata (1826-1886), fundadora da congregação das irmãs Franciscanas adoradoras da Santa Cruz, delimitado pelo cardeal arcebispo de Nápoles, Crescenzo Sepe, que na manhã de 26 de setembro presidiu à celebração na catedral partenopeia.

«Primeira "monja de casa", depois retirada em comunidade, mais tarde fundadora, atingida pelo sofrimento, viveu uma existência baseada na oração, no dom total de si a Deus, segundo a espiritualidade franciscana, profundamente amada por ela», explicou o cardeal na homilia. «Uma mensagem que a nova beata nos oferece, salientou, é a de nos doarmos aos outros através da caridade. Esta mulher deixou um sinal tangível da sua caridade. No decurso da sua difícil existência, abriu-se gradualmente ao amor ao próximo, colocando-se ao serviço dos pobres, indigentes, sofredores no espírito, valorizando os que se encontravam à margem da sociedade, com especial cuidado pelas mulheres». E «temperada por provações pessoais, prestou atenção especial ao género feminino, numa época em que as mulheres ainda não gozavam de uma consideração consciente na sociedade».

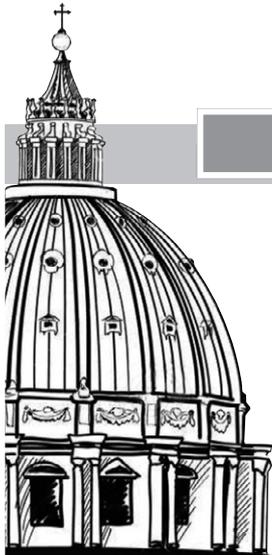
«Atenta às necessidades dos outros, especialmente das camadas mais frágeis e indigentes», a nova beata,

«juntamente com o pão para a alimentação corporal, soube partir o pão da Palavra para a nutrição espiritual», afirmou o cardeal. Com efeito, promoveu «uma atividade catequética válida na área napolitana, dirigindo-se de modo especial às crianças».

«O serviço da catequese, continuou, é uma das características mais importantes da missão de Maria Luísa: educar para a fé através do trabalho e da palavra; uma palavra que, embora fosse simples devido à escassez dos seus recursos culturais, soube alcançar o coração, comunicando o essencial. Com acentuada sensibilidade e movida por uma fé inabalável, soube reconhecer em cada indivíduo, até no mais excluído ou malvado, um fragmento daquela humanidade da qual é necessário testemunhar a verdade evangélica e a possibilidade de salvação».

«A beata Maria Luísa, afirmou, é uma mensagem de Deus para todos nós e para as suas irmãs, especialmente neste momento difícil marcado pela precariedade devido à pandemia. Humilde e silenciosa, identificou-se sem demora nas incertezas e misérias do seu tempo, com uma marcada sensação de concretude, mas totalmente abandonada a Deus. A vida contemplativa e a atividade apostólica desta beata do século XIX são mais um exemplo da florescente vida religiosa das mulheres na Igreja em tempos especialmente conturbados».

«A sua casa e o seu convento — concluiu o cardeal — foram meta de um fluxo contínuo de pessoas de todas as classes e condições para pedir conselhos. Não era a sua cultura nem as suas particulares qualidades humanas que atraíam as pessoas, mas a consciência de estar em frente a uma "santa monja"».



INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 24 de setembro

Sua Ex.^{cia} a Senhora Eunice Vásquez Acosta, Embaixadora da República Dominicana, para a apresentação das Cartas Credenciais.

D. Giacomo Morandi, Arcebispo Titular de Caere, Secretário da Congregação para a Doutrina da Fé; e D. Waldemar Stanisław Sommertag, Arcebispo Titular de Traiectum ad Mosam, Núncio Apostólico na Nicarágua.

No dia 25 de setembro

Sua Ex.^{cia} o Senhor Andrzej Duda, Presidente da República da Polónia, com o Séquito.

O Senhor Cardeal Salvatore De Giorgi, Arcebispo Emérito de Palermo (Itália).

No dia 27 de setembro

Sua Santidade Karekin II, Patriarca Supremo e Catholicos de todos os Arménios, com o Séquito.

No dia 28 de setembro

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

Congregação para as causas dos santos

Promulgação de decretos

A 29 de setembro, o Santo Padre Francisco autorizou a Congregação para as causas dos santos a promulgar os seguintes decretos relativos:

– ao milagre, atribuído à intercessão da venerável serva de Deus Gaetana Tolomeo, chamada Nuccia, fiel leiga; nascida a 10 de abril de 1936 em Cantanzaro (Itália) e ali falecida a 24 de janeiro de 1997;

– ao martírio dos servos de Deus Francis Cástor Sojo López e 3 companheiros, sacerdotes da Associação Secular dos Sacerdotes Operários Diocesanos; assassinados, por ódio à Fé, na Espanha, entre 1936 e 1938;

– às virtudes heroicas da serva de Deus Francisca da Conceição Pascual Doménech, Fundadora da Congregação das Irmãs Franciscanas da Imaculada; nascida a 13 de outubro de 1833 em Moncada (Espanha) e ali falecida a 26 de abril de 1903; e

– às virtudes heroicas da serva de Deus Maria Dolores Segarra Gestoso, Fundadora das Irmãs Missionárias de Cristo Sacerdote; nascida a 15 de março de 1921 em Melilla (Espanha) e falecida em Granada (Espanha) a 1 de março de 1959.

Sua Ex.^{cia} a Senhora Alexandra Valkenburg-Roelofs, Embaixadora, Chefe de Delegação da União Europeia, para a apresentação das Cartas Credenciais.

D. Giovanni d'Aniello, Arcebispo Titular de Pesto, Núncio Apostólico na Federação Russa; e D. Francisco M. Padilla, Arcebispo Titular de Nebbio, Núncio Apostólico na Guatemala.

Ereções

Sua Santidade erigiu:

A 29 de setembro

A Diocese de Sicuani (Peru), até à presente data Prelazia Territorial com a mesma denominação.

Renúncias

O Sumo Pontífice aceitou a renúncia:

No dia 24 de setembro

Do Senhor Cardeal Giovanni Angelo Becciu, ao cargo de Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos e aos direitos inerentes ao Cardinalato.

No dia 25 de setembro

De D. Jebamalai Susaimanickam, ao governo pastoral da Diocese de Sivagangai (Índia).

De D. Jean-Claude Bouchard, O.M.I., ao governo pastoral da Diocese de Pala (Chade).

Nomeações

O Santo Padre nomeou:

A 24 de setembro

Bispo da Diocese de Juigalpa, na Nicarágua, o Rev.^{do} Pe. Marcial Humberto Guzmán Saballos, do clero da Diocese de Granada (Nicarágua), até agora Chanceler diocesano e Reitor do Santuário Nacional de "Jesús del Rescate" em Popoyuapa.

D. Marcial Humberto Guzmán Saballos nasceu a 15 de fevereiro de 1965,

em Tola, Diocese de Granada (Nicarágua), e foi ordenado Sacerdote em 4 de dezembro de 1993.

A 25 de setembro

Membro Ordinário da Pontifícia Academia das Ciências, o Prof. Jürgen Knoblich, atualmente Diretor científico do «Institute of Molecular Biotechnology» (IMBA), em Viena (Áustria).

A 26 de setembro

O Senhor Cardeal Dominique Mamberti, Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, Enviado Especial para presidir à celebração da Santa Missa que terá lugar a 28 de novembro, na Basílica de Koekelberg em Bruxelas, por ocasião do 150º aniversário de Fundação da Associação *Pro Petri Sede*.

Membro Ordinário da Pontifícia Academia das Ciências, o Prof. David Charles Baulcombe, Docente de Botânica na Universidade de Cambridge (Grã-Bretanha).

A 28 de setembro

Núncio Apostólico nas Filipinas, D. Charles John Brown, Arcebispo Titular de Aquileia, até esta data Núncio Apostólico na Albânia.

Promotor de Justiça Aplicado do Tribunal do Estado da Cidade do Vaticano, o Adv. Gianluca Perone, atualmente Professor de Direito Comercial na Universidade de Estudos de Roma "Tor Vergata".

A 29 de setembro

Núncio Apostólico na Malásia e em Timor Leste, e Delegado Apostólico no Brunei Darussalam, D. Wojciech Zaluski, Arcebispo Titular de Dioletiana, até hoje Núncio Apostólico no Burundi.

Primeiro Bispo da Diocese de Sicuani (Peru), D. Pedro Alberto Bustamante López, até agora Bispo Prelado da homónima Prelazia Territorial.

Vigário Apostólico de Gambella (Etiópia), D. Roberto Bergamaschi, S.D.B., Bispo Titular de Ambia, até à presente data Vigário Apostólico de Awasa.

Membro Ordinário da Pontifícia Academia das Ciências, a Professora Fabiola Gianotti, Diretora-Geral do «Conseil européen pour la recherche nucléaire» (Cern) em Genebra (Suíça).

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

No dia 24 de setembro

D. John Joseph Myers, Arcebispo Emérito de Newark, nos Estados Unidos da América.

O ilustre Prelado nasceu no dia 26 de julho de 1941, em Ottawa, Diocese de Peoria (Estados Unidos da América). Foi ordenado Presbítero em 17 de dezembro de 1966 e recebeu a Ordenação episcopal a 3 de setembro de 1987.

D. Capistrano Francisco Heim, da Ordem dos Frades Menores, Bispo Prelado Emérito da Prelazia Territorial de Itaituba, no Brasil.

O venerando Prelado nasceu a 21 de janeiro de 1934, em Catskill, Diocese de Albany (Estados Unidos da América). Emitiu os votos solenes no dia 22 de agosto de 1963 e foi ordenado Sacerdote em 18 de dezembro de 1965. Recebeu a Ordenação episcopal a 17 de setembro de 1988 e renunciou ao governo pastoral da sua Sede no dia 8 de dezembro de 2010.

Credenciais da embaixadora chefe da delegação da União Europeia



Na manhã de 28 de setembro, o Papa Francisco recebeu em audiência Sua Excelência a senhora Alexandra Valkenburg-Roelofs, nova Embaixadora, chefe da delegação da União Europeia, por ocasião da apresentação das cartas com as quais foi acreditada junto da Santa Sé.

Sua Excelência a senhora Alexandra Valkenburg-Roelofs, embaixadora, chefe da Delegação da União Europeia junto da Santa Sé, nasceu a 1 de junho de 1970 em Rheden, Países Baixos. É casada e tem 3 filhos.

Licenciou-se em estudos japoneses na Erasmus University de Roterdão (1993) e obteve o doutoramento em economia na mesma universidade (1995).

Desempenhou os seguintes cargos: serviço em várias posições no

ministério dos Negócios estrangeiros, na missão permanente junto das Nações Unidas em Nova Iorque e na embaixada no Suriname (1996-2009); vice-chefe de missão e chefe da cooperação para o desenvolvimento na embaixada na Guatemala (2010-2012); chefe da secção dos direitos humanos e dos assuntos políticos e legais da Onu no ministério dos Negócios estrangeiros (2012-2016); e embaixadora em Cuba e na Jamaica (2016-2020).

ANGELUS

O Papa ofereceu aos fiéis presentes a encíclica impressa em «L'Osservatore Romano»

Fraternidade humana e cuidado pela criação, único caminho para a paz

«Fraternidade humana e cuidado pela criação, único caminho para o desenvolvimento integral e a paz», reiterou o Papa no final do Angelus de 4 de outubro, falando sobre a nova encíclica, “inspirada” como a precedente por São Francisco, e anunciando a sua intenção de a oferecer na edição extraordinária de «L'Osservatore Romano» — que recomeçou a publicação em papel — aos fiéis presentes na praça de São Pedro. Antes da recitação mariana, em união espiritual com o santuário de Nossa Senhora do Rosário em Pompeia, onde teve lugar a tradicional Súplica, o Pontífice comentou o Evangelho do domingo sobre a parábola dos vinhateiros homicidas.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

No Evangelho de hoje (cf. Mt 21, 33-43) Jesus, prevendo a sua paixão e morte, relata a parábola dos vinhateiros homicidas, para admoestar os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo que estão prestes a tomar o caminho errado. Estes, de facto, nutrem más intenções em relação a ele e procuram o modo de o eliminar.

A história alegórica descreve um senhor que, depois de ter cuidado muito da sua vinha (cf. v. 33), parte, confiando-a aos vinhateiros. Em seguida, no momento da colheita, ele envia alguns servos para recolher os frutos; mas os vinhateiros recebem os servos com bastões e até matam alguns. O senhor envia outros servos, mais numerosos, mas também eles recebem o mesmo tratamento (cf. vv. 34-36). O clímax é atingido quando o senhor decide enviar o seu filho: os vinhateiros não o respeitam, pelo contrário, pensam que ao eliminá-lo podem apoderar-se da vinha, e por isso também o matam (cf. vv. 37-39).

A imagem da vinha é clara: representa o povo que o Senhor escolheu e formou com tanto cuidado; os servos mandados pelo senhor são os profetas, enviados por Deus, enquanto o filho é a figura de Jesus. E tal como os profetas foram rejeitados, assim também Cristo foi rejeitado e morto.

No final da história, Jesus pergunta aos chefes do povo: «Quando vier o dono da vinha, que fará aqueles vinhateiros?» (v. 40). E eles, tomados pela lógica da narrativa, pronunciam eles mesmos a própria condenação: responderam-lhe: mandará matar sem piedade aqueles miseráveis e arrendará a sua vinha: «Dará morte afrontosa aos malvados, e arrendará a vinha a outros vinhateiros que lhe entregarão os frutos na altura devida» (v. 41).

Com esta parábola muito dura, Jesus coloca os seus interlocutores face à sua responsabilidade, e fá-lo com extrema clareza. Mas não pen-

semos que esta admoestação não se aplica apenas àqueles que rejeitaram Jesus naquele momento. É válido para todos os tempos, também para o nosso. Ainda hoje Deus espera os frutos da sua vinha daqueles que enviou para trabalhar nela. Todos nós.

Em cada época, aqueles que têm autoridade, qualquer autoridade, também na Igreja, no povo de Deus, podem ser tentados a fazer os próprios interesses e não os de Deus. E Jesus diz que a verdadeira autoridade é quando se faz o serviço, é servir, e não explorar os outros. A vinha é do Senhor, não nossa. A autoridade é um serviço, e como tal deve ser exercida, para o bem de todos e para a difusão do Evangelho. É terrível ver quando na Igreja as pessoas que têm autoridade procuram os próprios interesses.

São Paulo, na segunda Leitura da liturgia de hoje, diz-nos como ser bons trabalhadores na vinha do Senhor: o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honrado; o que é virtude e merece louvor, que tudo isto seja o objeto diário do nosso compromisso (cf. Fl 4, 8). Repito: o que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honrado; o que é virtude e merece louvor, que tudo isto seja o objeto diário do nosso compromisso. É a atitude da autoridade e também de cada um de nós, porque cada um de nós, nas suas competências, tem



uma certa autoridade. Deste modo, tornar-nos-emos uma Igreja cada vez mais rica nos frutos da santidade, daremos glória ao Pai que nos ama com infinita ternura, ao Filho que continua a dar-nos salvação, ao Espírito que nos abre o coração e nos impelle para a plenitude do bem.

Dirijamo-nos agora a Maria Santíssima, espiritualmente unidos aos fiéis reunidos no Santuário de Pompeia para a Súplica, e neste mês de outubro renovemos o nosso compromisso de recitar o santo Rosário.

No final do Angelus, o Papa falou da nova encíclica assinada um dia antes em Assis e da conclusão do “Tempo da Criação” iniciado em setembro; depois, recordou o centenário da obra “Stella Maris” e a beatificação do sacerdote Olinto Marella, em Bolonha.

Estimados irmãos e irmãs!

Ontem fui a Assis para assinar a nova Encíclica, *Fratelli tutti* sobre a fraternidade e a amizade social. Ofereci-a a Deus junto do túmulo de São Francisco, que me inspirou, como a precedente, *Laudato si'*. Os sinais dos tempos mostram claramente que a fraternidade humana e o cuidado pela criação formam o único caminho para o desenvolvimento integral e a paz, já indicado pelos Santos Papas João XXIII, Paulo VI e João Paulo II. Hoje, a vós que estais na Praça — e também fora da Praça — tenho o prazer de oferecer a nova

Encíclica, na edição extraordinária de *L'Osservatore Romano*. E com esta edição começa novamente a edição diária em papel de *L'Osservatore Romano*. Que São Francisco acompanhe o caminho da fraternidade na Igreja, entre os crentes de todas as religiões e entre todos os povos.

Conclui-se hoje o *Tempo da Criação*, que começou no passado dia 1 de setembro, no qual celebrámos um “Jubileu da Terra” juntamente com os nossos irmãos de diversas Igrejas cristãs. Saúdo os representantes do Movimento Católico Mundial pelo Clima, os vários círculos *Laudato si'* e as associações de referência, empenhados em percursos de ecologia integral. Regozijo-me pelas iniciativas que hoje são realizadas em diferentes lugares, em particular recordo aquela na zona do Delta do Pó.

A 4 de outubro, há cem anos, nascia na Escócia a Obra *Stella Maris* para apoiar o povo do mar. Neste importante aniversário, encorajo capelães e voluntários a testemunhar com alegria a presença da Igreja nos portos, entre os marinheiros, os pescadores e as suas famílias.

Hoje em Bolonha, foi beatificado o padre Olinto Marella, presbítero da diocese de Chioggia, pastor segundo o coração de Cristo, pai dos pobres e defensor dos fracos. Que o seu extraordinário testemunho seja um modelo para muitos sacerdotes, chamados a ser humildes e corajosos servos do povo de Deus. Agora uma salva de palmas para o novo Beato!

Saúdo todos vós, romanos e peregrinos de vários países — vejo muitas bandeiras... —: famílias, grupos paroquiais, associações e fiéis. Em particular, saúdo os familiares e amigos dos guardas suíços, que hoje vieram assistir ao juramento dos novos recrutas. Estes rapazes são bons! A Guarda Suíça realiza um percurso de vida ao serviço da Igreja, do Sumo Pontífice. São jovens bondosos que vêm aqui por 2, 3, 4 anos ou mais. Peço uma calorosa salva de palmas para a Guarda Suíça.

Dejo a todos bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!